

Capítulo 8

O encobrimento cai por terra

Porta a Porta, no canal *Rai Uno*, é um dos programas de televisão mais populares na Itália. Apresentado por Bruno Vespa, o equivalente italiano de Phil Donahue, o programa tem servido de fórum para celebridades italianas e estrangeiras de todas as tendências. Em 31 de Maio de 2007 o programa deu a palavra ao Secretário de Estado do Vaticano para continuar os seus esforços no sentido de responder a Antonio Socci sem, de facto, responder. A publicidade relativa à entrevista prometera que iria incluir a apresentação perante as câmaras do Terceiro Segredo “autêntico”. Foi razão bastante para milhões de italianos assistirem.

Foi mais uma novidade sem precedentes na controvérsia do Terceiro Segredo. Sentado numa cadeira dourada, no Palácio Apostólico, o Secretário de Estado do Vaticano apareceu em diferido na televisão nacional em resposta às espantosas acusações, até então irrefutadas, de um leigo católico importante e, ainda por cima, uma celebridade televisiva. Rodeado pelos sinais da sua autoridade, Bertone não iria impor aos fiéis nada do que iria dizer, nem trazia qualquer mensagem do Papa a respeito da controvérsia. Apesar das aparências, iria aparecer como qualquer outro convidado ligado a um acontecimento controverso da actualidade.

Uma baliza aberta, mas sem marcar golo

Que este episódio do *Porta a Porta* não iria ser um debate justo entre Socci e Bertone era evidente pelo próprio título do programa: “O Quarto Segredo de Fátima não existe” – um ataque directo ao título do livro de Socci, projectado em letras enormes no lado direito do cenário. Que o programa não iria ser, de facto, um debate podia deduzir-se do facto espantoso de Vespa não ter convidado Socci a defender o seu livro. Como este veio a escrever, no seu comentário a esta farsa: “O título atirava-se explicitamente ao meu livro, [mas] Vespa chamou apenas o Cardeal Bertone e não

este autor [Socci], que era o alvo, mas não foi convidado... Assim, deram ao Cardeal Bertone numa salva de prata a possibilidade de me atacar sem qualquer contradição..."²³⁶

Mesmo assim, como Socci observou, Bertone fez na televisão precisamente o que tinha feito n'A *Última Vidente*: "evitou todas as minhas objecções: não deu nem sequer uma resposta. Pelo contrário, fez mais: Deu a prova de que eu tinha razão." Bertone não só deixou de marcar um golo na baliza vazia do lado de Socci, como "marcou o golo mais sensacional na própria baliza: demonstrou (involuntariamente) que, de facto, a parte explosiva do 'Terceiro Segredo de Fátima' existe, mas está bem escondida... É preciso agradecer ao Cardeal por este serviço em prol da verdade (embora indirecto). E também encorajá-lo a contar tudo, porque - como o Evangelho explica - 'a verdade libertar-vos-á.'" O desempenho do Cardeal no *Porta a Porta*, aparentemente sem problemas mas na realidade desastroso, mostrou que Socci não está a exagerar, mas antes a minimizar a magnitude do que teve lugar perante milhões de telespectadores.

Uma introdução absurda

O desastre começou com Bertone a apresentar a explicação absurda de que "os dois Papas [João XXIII e Paulo VI] decidiram não o publicar porque, provavelmente, não consideraram muito significativo para a vida da Igreja a publicação do Terceiro Segredo."²³⁷ Mas se o Segredo não era "muito significativo" para a vida da Igreja, porque é que o Vaticano o pôs "para sempre sob absoluto sigilo" em 1960, acto esse que só alimentou as especulações e as preocupações sobre o seu conteúdo que não seria "muito significativo"? Porque é que o Cardeal Ottaviani o descreveu como sendo "tão melindroso" que não se podia deixar cair "por qualquer razão, mesmo fortuita, nas mãos erradas"? Porque é que o Cardeal Ratzinger nos disse que o Terceiro Segredo nos avisava sobre "perigos que ameaçam a Fé e a vida do Cristão e, conseqüentemente, o mundo" e que tinha "pormenores" tão

²³⁶ Antonio Socci, "Bertone nel 'vespaio' delle polemiche," *Libero*, 2 de Junho de 2007, em <http://www.fatima.org/port/crusader/cr86/cr86pg43.asp>.

²³⁷ Todas as citações do programa televisivo baseiam-se numa transcrição em italiano, preparada para o autor deste livro por Alessandro Fuligni, um tradutor profissional de Roma, transcrição essa que foi comparada com a gravação italiana em vídeo que vimos repetidamente, e com a nossa própria tradução das passagens mais importantes do programa. As nuances da língua italiana, e até a sintaxe oral pouco precisa dos comentários do Cardeal, foram completamente respeitadas.

explosivos que podiam causar “desequilíbrio” na Igreja? E porque é que João Paulo II disse que o Segredo não tinha sido revelado porque podia ser “mal interpretado”, como disse à Irmã Lúcia no encontro que tiveram em 1982? Vemos aqui, mais uma vez, o tema claramente auto-contraditório da “reconstrução oficial”: o Segredo que é “tão melindroso” mas não “muito significativo”, o Segredo que é uma “profecia” mas que “não acrescenta nada” ao que já sabemos e se refere a acontecimentos que já vimos; o Segredo que não se pode deixar cair no “sensacionalismo” mas que “não revela qualquer grande mistério”.

Um deslize devastador?

Prosseguindo para a velha ideia de que Fátima não passa de uma “revelação particular”, Bertone escolheu as palavras de forma muito reveladora, se não devastadora. Disse que, apesar de estarmos a falar de uma “revelação particular”, há elementos das aparições de que a Irmã Lúcia se recordaria sempre, de modo que, a respeito do Terceiro Segredo, “a percepção *das palavras* de 1917 a 1944 – porque escreveu o Segredo em 1944 – ela, portanto, memorizou e registou indelevelmente na sua memória esta percepção e esta *locução interior*.”

Quais *palavras*? Qual “*locução interior*”? *Locução interior* é um termo da Teologia referente a *palavras* ditas por uma fonte externa que se registam no cérebro e são dirigidas especificamente a quem as ouve, como na segunda parte do Grande Segredo, em que Nossa Senhora falou directamente a Lúcia e a Jacinta.²³⁸ As únicas palavras ditas da visão do Terceiro Segredo são a admoestação do anjo: “Penitência, Penitência, Penitência!” que é, na realidade, só uma palavra repetida três vezes, e esta palavra *não* é dirigida especificamente aos videntes; ou seja, o anjo não está a falar-lhes, como Nossa Senhora fez na segunda parte da Mensagem de Fátima. Lúcia certamente não precisaria de assistência sobrenatural para recordar uma palavra repetida três vezes pelo anjo, visto que o resto da visão consiste inteiramente das *próprias* palavras da Irmã Lúcia a descrever o que viu, e não as palavras que ouviu da Santíssima Virgem.

Não seria isto uma revelação inadvertidamente feita por

²³⁸ *Locução* significa “palavra, frase ou expressão”. *American Heritage Dictionary*. Uma *locução interior*, em linguagem teológica católica, significa literalmente uma voz que fala interna e directamente a uma pessoa, e *não* uma mera visão que a pessoa tem, como a visão do “Bispo vestido de branco”.

Bertone, de que o Terceiro Segredo inclui palavras da Santíssima Virgem cujo conteúdo verbal preciso ficou gravado indelevelmente na memória da Irmã Lúcia?

Evitando a evidência de Socci

O programa continuou com a voz *off* a perguntar: “O texto do [Terceiro] Segredo de Fátima foi publicado na íntegra? Ou foi parte dele omitida?” Afastando-se ligeiramente da demagogia habitual (sem dúvida por causa das descobertas do livro de Socci), a voz *off* reconhece: “Estas dúvidas parecem ter sido espalhadas não só pelos Lefebvristas e pelos Fatimistas, mas também por alguns [!] Católicos ortodoxos, que suspeitam que foi escondida a parte do Segredo em que se anuncia uma luta interna e a apostasia na Igreja. Antonio Socci deu voz a estas dúvidas, através de uma investigação complexa, num livro recentemente publicado, intitulado *O Quarto Segredo [de Fátima]*.”

O que se seguiu na voz *off* foi apenas uma apresentação parcial da tese de Socci: que há um texto oculto do Segredo que diz respeito a uma crise de fé e à apostasia na Igreja, uma batalha entre o demónio e a Santíssima Virgem como aparece no Apocalipse de S. João; que João XXIII e Paulo VI decidiram não publicar o texto para “evitar dar argumentos aos críticos do Vaticano II”; e que João Paulo II e o então Cardeal Ratzinger “chegaram a um compromisso”, pelo qual o conteúdo essencial do texto seria revelado indirectamente na homilia de João Paulo II em Fátima em 13 de Maio de 2000, que ligava a Mensagem de Fátima ao Capítulo 12, versículos 3 e 4 do Apocalipse. Este compromisso, concluiu a voz *off*, permitiria ao Vaticano “dizer à Igreja que o Terceiro Segredo foi revelado, mas sem uma publicação integral que teria causado um grande choque à comunidade cristã.”

O programa limitou-se a isto quanto à apresentação do que a própria voz *off* descreveu como a “investigação complexa” de Socci. Faltavam, evidentemente, ao sumário superficial da voz *off* os seguintes temas cruciais, entre outros:

- o testemunho decisivo do Arcebispo Capovilla (já admitido pelo silêncio de Bertone n’A *Última Vidente*) sobre a existência de dois envelopes contendo dois textos diferentes relativos ao Segredo – o “envelope Capovilla” e o “envelope Bertone”;
- a evidência (incluindo os depoimentos de Capovilla, da Madre Pasqualina, de Robert Serrou, e as fotografias na revista *Paris-*

Match) a respeito da localização do “envelope Capovilla” nos aposentos papais durante os pontificados de Pio XII, João XXIII, Paulo VI e provavelmente João Paulo II;

- a evidência de que João Paulo II, Paulo VI e João XXIII leram dois textos diferentes do Segredo em duas datas diferentes, com anos de intervalo, incluindo uma leitura que João Paulo II fez em 1978 de um texto que não viera do arquivo do Santo Ofício – *três anos* antes da data proposta pelo Vaticano para a primeira vez que o Papa lera o texto da visão do Bispo vestido de branco, que lhe fora levado do arquivo;
- o depoimento do emissário papal, Padre Schweigl, em como o Terceiro Segredo “tem duas partes: Uma fala do Papa; a outra, logicamente – embora eu não deva dizer nada – teria de ser a continuação *das palavras*: ‘Em Portugal se conservará sempre o dogma da Fé etc.’”;
- a recusa suspeita e sistemática do Vaticano em considerar o misterioso “etc” que interrompe as palavras da Santíssima Virgem que são logicamente o início do Terceiro Segredo;
- as numerosas referências ao conteúdo do Segredo pelo próprio Vaticano (no comunicado à imprensa de 1960), pelo Padre Schweigl, pelo Cardeal Ratzinger, pelo Padre Alonso, pelo Padre Fuentes, pelo Cardeal Ciappi, pelo Cardeal Oddi, por João Paulo II e pela Irmã Lúcia, entre outros, que demonstram para além de qualquer dúvida que o Segredo deve conter *palavras da Santíssima Virgem* e “pormenores” perturbadores sobre uma crise na Igreja, e conseqüentemente no mundo, de dimensões apocalípticas, relacionadas com o Livro do Apocalipse citado a propósito por João Paulo II na sua homilia em Fátima no ano 2000.

Se Bertone tivesse respostas para estes assuntos, ali estava a sua grande oportunidade de as dar em frente das câmaras, sem receio de contradição. Em vez disso, evitou-os a todos. E assim fizeram também Vespa e os outros convidados do programa: Marco Politi, famoso vaticanista e biógrafo de João Paulo II; Giulio Andreotti, antigo Primeiro Ministro da Itália; Paola Rivetta, jornalista de Roma; e um Giuseppe De Carli positivamente sicofântico, que estava ali para encher o Cardeal de elogios e defender o seu próprio papel no ataque que o Cardeal fez a Socci n’A *Última Vidente*.

Fingindo que Capovilla não existe

O primeiro ponto a que Bertone se devia referir era o depoimento do Arcebispo Capovilla, a que o Cardeal se tinha esquivado n' *A Última Vidente*. Mais uma vez, se não tratasse do depoimento desta testemunha viva de que há dois envelopes e dois textos que compreendem a totalidade do Terceiro Segredo, isso seria admitir que o depoimento é verdadeiro. Ora, não só Bertone deixou mais uma vez de tratar do depoimento, como se notou um acordo tácito evidente entre todos os participantes no programa para fazerem de conta que o Arcebispo Capovilla não existia! O facto de nenhum dos participantes ter sequer *mencionado* Capovilla durante o programa de 100 minutos não foi apenas uma admissão da verdade do seu depoimento; foi também uma prova de uma autêntica conspiração de silêncio destinada a proteger Bertone e o que restava em pé da versão oficial.

Só por esta razão, o aparecimento de Bertone apenas serviu para dar toda a razão a Socci e aos "Fatimistas". Mas havia muito mais a dizer a este respeito. Praticamente todas as declarações de Bertone ao longo do programa representaram uma derrota para a versão oficial.

Uma "negação" curiosamente fraca

Os poucos comentários de Bertone sobre a voz *off* que tinha sumariado de forma selectiva as hipóteses de Socci eram estranhamente tímidos e evasivos. A respeito de Socci dizer que o Vaticano está a ocultar um texto explosivo com as palavras da Santíssima Virgem sob a reserva mental de que o Segredo foi "essencialmente" revelado por João Paulo II na sua homilia em Fátima no ano 2000, Bertone não o negou com firmeza, limitando-se a dizer que "parece-me que é uma reconstrução fantasmagórica..."²³⁹

Parece-lhe? Não teria ele a certeza, se fosse este realmente o caso? Mais adiante, Bertone empregou a frase "um pouco problemático". *Problemático?* E porque não difamatório ou ultrajante, se Bertone pensasse realmente que as graves acusações públicas de Socci eram totalmente falsas e sem fundamento?

²³⁹ Com esta escolha de vocabulário, Bertone queria evidentemente fazer uma conotação com algo surrealista ou não real. "Fantasmagórico: sequência fantástica de imagens associadas ao acaso, como sucede em sonhos ou num delírio febril." *The American Heritage® Dictionary of the English Language*, Quarta Edição.

“Não quero entrar em polémicas”, disse Bertone. Mas entrar em polémica sobre o Terceiro Segredo foi precisamente o que ele fez ao aparecer no *Porta a Porta*. Apesar disso, Bertone voltou a aceitar tacitamente os pontos mais importantes de Socci, ao ignorá-los e ao recusar-se a confrontá-los.

Uma nova ênfase curiosa sobre um texto “autêntico”

Continuando o seu comentário à voz *off*, Bertone introduziu a ideia de um texto “autêntico” do Terceiro Segredo, como se estivesse em questão um texto que não fosse autêntico. “João XXIII e Paulo VI”, disse Bertone, “leram o texto do Segredo, o texto *integral, autêntico* e o único texto escrito pela Irmã Lúcia...” – que é como quem diz, o único texto “autêntico”. Não deixando dúvidas de que estava a apresentar uma nova ênfase num texto “integral” e “autêntico”, Bertone fez esta importante revelação: “Quando João Paulo II tomou a decisão de publicar o Segredo – eu estava presente nesta reunião – decidiu publicar *tudo o que existia de facto no arquivo do Santo Ofício...*”

A escolha das palavras foi muito cuidadosa: Bertone não disse simplesmente que o Papa decidira publicar o Terceiro Segredo. Qualificando de maneira muito estranha a sua declaração, disse apenas que o Papa decidira publicar “tudo o que existia de facto *no arquivo.*” Bertone conhecia bem a alegação de Socci e o depoimento de Capovilla de que há (ou havia) outro texto respeitante ao Segredo nos aposentos papais. Assim, no contexto da controvérsia que se desenvolvera, a ênfase súbita de Bertone em “tudo o que existia de facto *no arquivo*” implicava claramente a existência de um documento relacionado com o Segredo que *não* estava no arquivo: o texto que Capovilla e outras testemunhas tinham localizado nos aposentos papais; o texto que João Paulo II evidentemente leu em 1978 (discordando da versão oficial na *Mensagem*); o texto que Paulo VI leu em 1963 (discordando da versão oficial). E então *esse* texto? Para já, pelo menos, Bertone continuou a observar um silêncio cuidadoso em face de provas esmagadoras de que o texto nos aposentos papais existe – provas essas que ele podia ter refutado com facilidade perante milhões de telespectadores se tais provas fossem falsas. O seu silêncio continuado sobre este tema escaldante diz muito aos telespectadores com alguns conhecimentos sobre o assunto.

A nova ênfase de Bertone num “texto autêntico” “que existia de facto no arquivo” só podia ser uma resposta à enorme pressão que

o livro de Socci tinha feito sobre o aparelho de Estado do Vaticano. Como a publicação por Socci do depoimento do Arcebispo Capovilla - um depoimento que Bertone não estava preparado para mencionar, quanto mais negar, perante as câmaras - teve grande divulgação, era compreensível que Bertone fosse obrigado a proteger-se com a afirmação de que o Vaticano tinha obtido no *arquivo* um texto *autêntico*, e não o texto, qualquer que ele fosse, a que se referia Capovilla. Pouco faltava, porém, para que esta subtil retirada retórica fosse uma concessão de que Socci tinha descoberto a verdade.

Como Socci notou na sua resposta a Bertone depois do programa, o tema do texto "autêntico" do Terceiro Segredo - o texto "que existia de facto no arquivo" - é um caminho para a verdade que foi aberto pela primeira vez pelo Papa actualmente reinante: "No fim, o Papa, na carta publicada por Bertone, abre o caminho para a verdade quando diz que em 2000 foram publicadas 'as palavras autênticas da terceira parte do Segredo', sugerindo claramente que existem palavras do segredo consideradas 'não autênticas'. Coragem, pois: publiquem tudo. 'A verdade libertarvos-á.'"²⁴⁰

No decurso do programa, Bertone também revelou inadvertidamente porque é que ele e os seus colaboradores considerariam um texto das palavras de Nossa Senhora sobre apostasia na Igreja como "não autêntico". Bertone parece pensar que é impossível que haja apostasia na Igreja: "[H]á uma obstinação nesta expectativa de uma profecia de apostasia na Igreja. Parece-me um pouco problemática, esta expectativa, quase uma aspiração de que há uma profecia da Madonna, Mãe da Igreja, que estende a sua mão maternal sobre a vida da Igreja, a Auxiliadora, que acompanha a Igreja na sua caminhada pelo tempo, que existe uma profecia de apostasia na Igreja."

Mas embora Bertone possa achar impossível ver como a Mãe de Deus podia avisar sobre apostasia na Igreja, foi isto exactamente o que Ela fez noutras aparições marianas reconhecidas como autênticas, incluindo Akita - cuja mensagem, segundo o então Cardeal Ratzinger disse ao embaixador das Filipinas no Vaticano, é "essencialmente a mesma" que a Mensagem de Fátima. Socci observa, com razão, que Fátima é parte de uma "escalada trágica" da história cristã, predita num "ciclo profético" de aparições

²⁴⁰ "Bertone nel 'vespaio' delle polemiche," loc. cit.

marianas.²⁴¹ Além disso, como já sublinhámos, as próprias Escrituras predizem exactamente essa apostasia, que deve ter lugar antes do Tempo do Fim.²⁴²

Assim, é precisamente *na* sua condição de Mãe da Igreja que Nossa Senhora faria um tal aviso – o que *realmente* fez, antes e depois de Fátima. Mas parece que Bertone excluiu a *priori* do reino das possibilidades estas verdades perturbadoras. Portanto, qualquer texto da Mensagem de Fátima em que a Mãe de Deus nos avisa sobre a apostasia na Igreja não pode, segundo esta mentalidade, ser uma parte “autêntica” da Mensagem – especialmente se a apostasia predita no texto convenientemente declarado “não autêntico” estiver a desenrolar-se durante o mandato de Bertone e dos prelados do Vaticano seus colegas.

Mas passemos ao momento mais explosivo do programa: a confirmação, pelo próprio Bertone, da teoria dos “dois envelopes”.

O envelope, se faz favor!

Passados já uns 50 minutos do programa de 100 minutos, o apresentador Vespa disse as palavras que os telespectadores estavam à espera de ouvir: “Agora, Eminência, o envelope.” Nos dez minutos que se seguiram, o Cardeal Bertone, aparentando não ceder terreno, anulou a “reconstrução oficial” do Terceiro Segredo, deu razão por completo às proposições de Socci e dos “Fatimistas”, e confirmou as suspeitas bem fundadas de milhões de Católicos em todo o mundo.

O nosso exame deve ser necessariamente metuculoso, mas vale a pena o esforço. Em primeiro lugar, vamos examinar os problemas fatais para a versão oficial criados pelos envelopes que Bertone apresentou durante o programa. A seguir, iremos considerar como é que as revelações de Bertone sobre o conteúdo do envelope final, o texto da visão do Bispo vestido de branco, apenas substanciou ainda mais (se tal fosse necessário) a existência de um texto por revelar com as palavras da Santíssima Virgem a explicar a visão.

Primeiro, os envelopes. Recorde-se que, em Junho de 1944, o Bispo D. José Alves Correia da Silva recebeu finalmente da Irmã Lúcia um envelope lacrado, contendo o texto manuscrito

²⁴¹ Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 67.

²⁴² Cf., por exemplo: “Que nenhum homem vos engane, porque [o Tempo do Fim] não virá sem que a apostasia venha primeiro, e seja revelado o homem da iniquidade, o filho da perdição” (II Tess. 2:3).

do Segredo, que ela escrevera seis meses antes, e o Bispo colocou o envelope de Lúcia num envelope seu, de tamanho maior, que também lacrou, e no qual escreveu a seguinte instrução:

Este envelope com o seu conteúdo será entregue a Sua Eminência O Sr. D. Manuel [Cerejeira], Patriarca de Lisboa, depois da minha morte.

Leiria, 8 Dezembro de 1945

† José, Bispo de Leiria²⁴³

Assim, o registo histórico demonstra que o “embrulho” do Segredo compreendia um conjunto de dois envelopes: o envelope lacrado da Irmã Lúcia e o envelope exterior, também lacrado, do Bispo de Leiria-Fátima. O que Bertone apresentou durante o programa, porém, foi radicalmente diferente; e as diferenças contradiziam fatalmente a versão oficial dos sete anos anteriores, ao mesmo tempo que revelavam a verdade escondida.

“Primeiro vou mostrar-lhes o envelope cor de laranja,” começou Bertone. Este envelope não era o que continha o alegado Terceiro Segredo, mas sim “a tradução para italiano do Terceiro Segredo de Fátima, 6 de Março de 1967. Estamos no tempo de Paulo VI: este é o envelope que sempre acompanhou o envelope, o envelope mais antigo e *autêntico*, que contém o original do Terceiro Segredo...” (Note-se a referência a um envelope “autêntico”, como se estivesse algures um envelope “não autêntico”). Colocam-se desde já muitas perguntas.

Para que servia mostrar uma tradução para italiano do alegado Segredo, com data de 6 de Março de 1967? Essa tradução nem sequer existia, senão dois anos depois de Paulo VI ter já lido o Segredo (segundo a versão oficial em 27 de Março de 1965) e quase quatro anos depois de o Papa Paulo ter lido um texto do Segredo (o que estava na escrivania papal chamada “Barbarigo”) em 27 de Junho de 1963, como foi confirmado pelo depoimento do Arcebispo Capovilla – que, está claro, todos os presentes no programa estavam a ignorar. Ainda mais, esta tradução tinha uma data quase *oito* anos posterior à data em que João XXIII lera um texto do Segredo (17 de Agosto de 1959), com a ajuda de uma tradução de Monsenhor Tavares.

É óbvio, portanto, segundo a opinião geral, que a tradução de 1967 não foi preparada para uso pessoal de Paulo VI ou de João XXIII, para lerem e compreenderem o Segredo. Então

²⁴³ Joaquín Alonso, *Fátima 50*, 13 de Outubro de 1967, p. 11; citado em WTAF, Vol. III, pp. 46-47. Textual.

para quem era? Pode-se pensar que o Cardeal Ottaviani a usou para o plenário de Cardeais sobre o Terceiro Segredo, porque a data da tradução é muito próxima da sua comunicação de 11 de Fevereiro de 1967 à Quinta Conferência Mariológica sobre o mesmo assunto, como já vimos no Capítulo 3. É, pois, razoável concluir que o plenário sobre o Terceiro Segredo, cuja existência foi o próprio Bertone a revelar durante o programa, deve ter sido em Março de 1967. Bertone pareceu confirmá-lo perante as câmaras ao dizer, em resposta à pergunta de Vespa sobre se havia uma transcrição dactilografada do Segredo: “Sim, certamente, foi transcrita e depois foi traduzida para italiano para uso dos Cardeais do plenário.” Mas Bertone nem abriu o envelope cor de laranja nem falou mais do seu conteúdo. Nem a transcrição nem a tradução foram mostradas, embora isso tivesse sido bastante útil para o público italiano que assistia ao programa. Foi mais uma circunstância que não podia deixar de levantar suspeitas.

Então, para quê perder tempo com o envelope cor de laranja? Talvez se tratasse de um caso de mostrar mais envelopes do que era necessário, para dar a impressão de “transparência”. Mas o resultado não foi favorável à versão oficial. Bertone levantou o envelope cor de laranja ao nível da câmara pelo tempo suficiente para deixar ver exactamente o que estava escrito nele; e o que se podia ver levantou mais perguntas.

Porque é que o envelope tem “manuscrito” entre parênteses? Não é natural que uma tradução para italiano do “Segredo de Fátima” seja manuscrita? Ou não será o caso que se encontrava dentro a tradução da parte manuscrita do Terceiro Segredo, a descrição em quatro páginas e 62 linhas da visão do Bispo

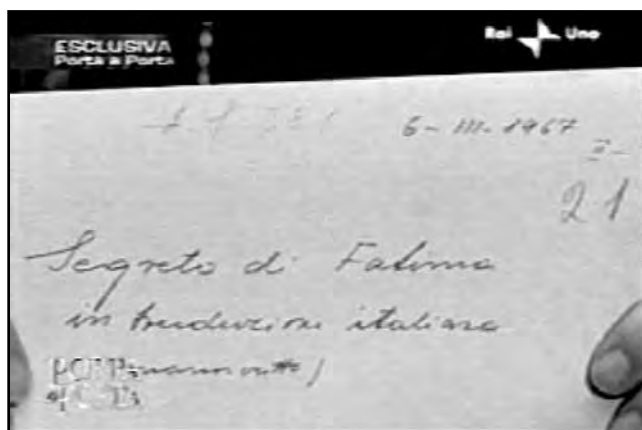


Figura 1

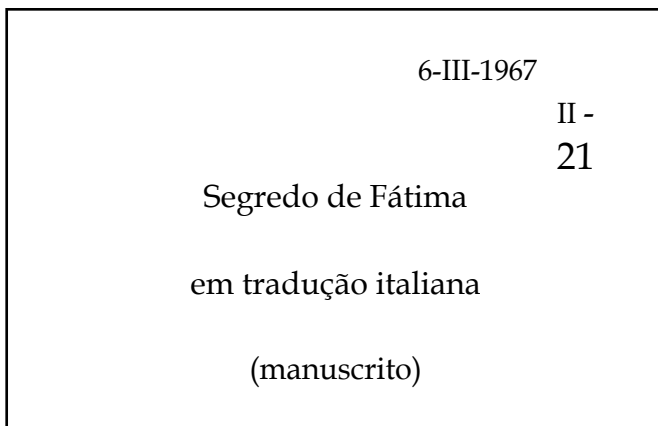


Figura 2

vestido de branco? Assim, estaria noutro envelope a tradução para italiano da parte do Segredo escrita em forma de carta: a “carta ao Bispo de Leiria” em que Lúcia disse que tinha relatado o conteúdo do Segredo; o texto de 25 linhas numa só página a que se refere o Cardeal Ottaviani. O numeral romano “II” no lado direito do envelope não indicará que é o segundo de dois documentos relacionados? Admitimos, apenas baseados na evidência do envelope cor de laranja que isto está longe de ser certo, mas as revelações que Bertone fez a seguir apenas confirmaram a suspeita.

Não é um envelope, são quatro!

“E agora vamos ao envelope branco,” continuou Bertone, pousando o envelope cor de laranja e pegando noutro. “Este é o primeiro envelope, muito grande, como podem ver, com a letra do Bispo José da Silva, Bispo de Leiria. Um envelope escrito pelo Bispo de Leiria que contém os outros envelopes até [sic] ao envelope autêntico que contém o Terceiro Segredo.” Os outros envelopes? Mais uma vez, a descrição histórica do “embrulho” do Terceiro Segredo em 1944 refere-se a *um só envelope* da Irmã Lúcia dentro do envelope exterior do Bispo de Fátima – dois envelopes ao todo. Mas agora, de repente, Bertone introduziu a noção de uma série de envelopes dentro de outros envelopes. Só isto causou problemas fatais para a versão oficial, como iremos descrever. Note-se também a segunda referência estranha ao “envelope autêntico,” como se andassem por aí envelopes não autênticos.

O envelope que Bertone mostrou agora – chamemos-lhe Envelope N° 1 – parecia ser aquele em que o Bispo D. José da Silva colocou o envelope lacrado da Irmã Lúcia contendo “a carta” a que Lúcia, o próprio Vaticano (na comunicação à imprensa de 1960) e diversas testemunhas já mencionadas se referiram; a carta em que Lúcia transmitia ao Bispo o conteúdo do Segredo. O Bispo D. José da Silva permitiu que este envelope fosse fotografado para a revista *Life*, e tirou-o do seu cofre para esse fim.²⁴⁴ As fotografias dos anos 40 correspondiam ao envelope que Bertone estava agora a mostrar na televisão, com as instruções manuscritas do Bispo sobre o que fazer ao Segredo no caso da sua morte. O Envelope N° 1, como Bertone mostrou perante as câmaras, tinha sido lacrado com um grande pingo de lacre, embora a parte de cima tivesse sido aberta com um abridor de cartas. Até aqui, portanto, não havia nenhum problema aparente com a versão oficial.

Mas deste envelope exterior grande, Bertone tirou um envelope mais pequeno, amarelecido, “com a letra da Irmã Lúcia” – o Envelope N° 2 – em que estava escrito o nome e o título do Bispo D. José da Silva. O Envelope N° 2, disse Bertone, “não estava lacrado porque tinha sido posto dentro do envelope grande lacrado” do Bispo D. José da Silva (Envelope N° 1). Note-se bem: Bertone acabara de admitir perante milhões de telespectadores que um envelope colocado dentro de um envelope maior, lacrado, *não precisa de ser lacrado*. Esta confissão teria um grande impacto alguns momentos mais tarde.

Pergunta:

Porque é que nem a *Mensagem*, nem *A Última Vidente*, nem qualquer outra declaração de Bertone e dos seus colaboradores nos sete anos anteriores se tinham referido ao envelope amarelecido com o nome do Bispo de Fátima na letra de Lúcia, que Bertone acabara agora de apresentar?

Resposta:

Pode muito bem ser o envelope exterior do texto que ainda não vimos.

A seguir, Bertone tirou do envelope amarelecido e não lacrado “um outro envelope, *com lacre*, e com a letra da Irmã Lúcia, a letra *autêntica* da Irmã Lúcia, em que ela fala do ano de 1960...” Este envelope – o Envelope N° 3 desta série – tinha três pingos

²⁴⁴ Cf. *WTAf*, Vol. III, pp. 53-54, e a fotografia na secção fotográfica, junto à p. 426.

de lacre na parte de trás, mas, como o Envelope N° 1, a parte de cima tinha sido aberta com um abridor de cartas. Nesta altura, Bertone revelou finalmente, pela primeira vez, que a Irmã Lúcia tinha escrito na parte de fora deste envelope o seguinte, que ele mostrou para as câmaras e leu em voz alta:

“Por ordem expressa de Nossa Senhora este envelope só pode ser aberto em 1960, por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa ou por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria.”²⁴⁵

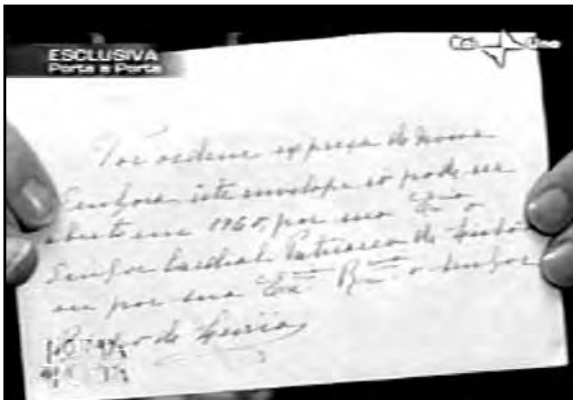


Figura 3

Nem uma única vez, nos anos que decorreram desde 26 de Junho de 2000 e o programa de 31 de Maio de 2007 – nem na sua Introdução à *Mensagem*, nem em todo o livro que escreveu a tentar responder a Socci, nem nas suas muitas entrevistas e declarações sobre o assunto – Bertone revelou que a Irmã Lúcia tinha escrito no envelope uma *ordem expressa* da Santíssima Virgem de que o Segredo devia ser aberto em 1960. Todas as referências ao texto exacto do que se pode chamar a “ordem de 1960” da Santíssima Virgem tinham sido cuidadosamente evitadas nas ocasiões em que Bertone alegava (na *Mensagem*, no seu livro e noutras ocasiões) que a Irmã Lúcia lhe tinha “confessado” que nunca tivera quaisquer instruções da Santíssima Virgem sobre 1960. Mas agora ficou claro para milhões de pessoas que, enquanto Bertone dizia ao mundo que a Irmã Lúcia nunca tinha ouvido nada de Nossa Senhora sobre 1960, estava na posse de um envelope que dizia *precisamente o contrário*, na própria letra da Irmã Lúcia. E Bertone continuou como se nada tivesse acontecido, como se toda a gente tivesse sabido

²⁴⁵ Textual.

sempre que o Envelope N° 3 tinha escrita uma “ordem expressa de Nossa Senhora” a respeito de 1960. Mas, um momento depois, Bertone iria fazer uma revelação ainda mais explosiva.

Aparece o segundo envelope do Terceiro Segredo!

Depois de mostrar o Envelope N° 3, Bertone fez uma revelação que, só por si, destruiu a credibilidade da versão oficial e confirmou, de uma vez por todas, a verdade da teoria dos “dois envelopes” (como se o depoimento de Capovilla não chegasse). Bertone tirou do Envelope N° 3, não o texto da visão, que a versão oficial diz ser o Terceiro Segredo na sua totalidade, mas sim o *Envelope N° 4 – um segundo envelope lacrado*, no exterior do qual havia uma *segunda “ordem de 1960”, redigida da mesma maneira*, na letra da Irmã Lúcia:

“Por ordem expressa de Nossa Senhora este envelope só pode ser aberto em 1960, por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa ou por Sua Ex.^{cia} Rev.^{ma} o Senhor Bispo de Leiria.”

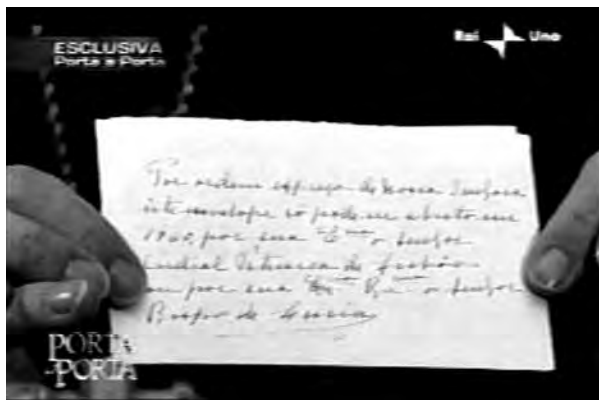


Figura 4

As Figuras 3 e 4 mostram os dois envelopes do Terceiro Segredo mostrados perante as câmaras pelo Cardeal Bertone durante o programa de 31 de Maio de 2007. Note-se a apresentação diferente das palavras “Nossa Senhora” nas duas primeiras linhas de cada envelope.

Por incrível que pareça, Bertone tinha acabado de confirmar que havia, de facto, dois envelopes referentes ao Terceiro Segredo, cada um dos quais com três pingos de lacre, e cada um com a sua “ordem de 1960”! Uma ordem que a Irmã Lúcia tinha escrito duas vezes com a sua própria mão, apesar da declaração de Bertone, agora

provadamente falsa, de que Lúcia “confessara” nunca ter recebido uma tal ordem da Santíssima Virgem. Ora nem a *Mensagem*, nem Bertone, nem mais ninguém no Vaticano se tinha referido anteriormente a estes envelopes idênticos. Pelo contrário, n’A *Última Vidente*, publicado semanas antes deste programa, Bertone disse a De Carli que havia só *um* envelope interior com referência a 1960, fechado num envelope exterior que *não era da Irmã Lúcia*:

De Carli: Mais do que um envelope, havia *dois*. Bertone: Sim. Um exterior com a nota “Terceira parte do Segredo”, e um interior *da Irmã Lúcia* com a data de ‘1960’.²⁴⁶

Além disso, Bertone escreveu n’A *Última Vidente* que a Irmã Lúcia “autenticou” o texto do Segredo mexendo nas folhas de papel e só num envelope, durante o alegado encontro com ele em 27 de Abril de 2000:

Sim, estas são as minhas folhas de papel e o *envelope* é meu, são as folhas de papel que eu usei e esta é a minha letra. Este é o meu *envelope*...²⁴⁷

Assim, durante a alegada “autenticação”, só foi mostrado à Irmã Lúcia *um* envelope de “1960” preparado por ela, e não os dois que Bertone agora mostrara perante as câmaras. (Para não mencionar o envelope amarelecido e não lacrado de Lúcia, que também não lhe foi mostrado em 2000.) Na verdade, a própria Irmã Lúcia tinha dito que colocara *um* texto do Segredo *num* envelope lacrado, e não *dois* envelopes lacrados. Recordemos as declarações da Irmã Lúcia em 1943-44, a que já nos referimos:

Segundo o Padre Alonso:

“Dizem-me [o Bispo D. José Correia da Silva e o Cónego Galamba] para a escrever nos cadernos onde me mandaram escrever o meu diário espiritual, ou, se quiser, escrevê-la numa folha de papel, pô-la *num envelope*, fechá-lo e lacrá-lo.”²⁴⁸

Da carta de Lúcia ao Bispo D. José Correia da Silva em 9 de Janeiro de 1944:

“Já escrevi o que [o Bispo D. José Correia da Silva] me

²⁴⁶ Bertone, *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 49.

²⁴⁷ Ibid.

²⁴⁸ Padre Joaquín Alonso, *La verdad sobre el Secreto de Fátima*, p. 39; cit. em WTAF, Vol. III, p. 44.

mandou; Deus quis provar-me um pouco mas afinal era essa a Sua vontade: [o Segredo] está lacrado dentro *dum envelope* e este dentro dos cadernos...”²⁴⁹

Pergunta: Porque é que o segundo envelope lacrado com “1960” não foi mostrado a Lúcia durante a “autenticação” de 2000, se, como Bertone pretendia agora, *os dois envelopes estavam juntos, um dentro do outro?*

Resposta: Os dois envelopes não estavam juntos, mas foram usados para dois textos diferentes, embora relacionados, do Terceiro Segredo.

Pergunta: Porque é que Bertone nunca mencionou ao público o segundo envelope da Irmã Lúcia com “1960”, entre o ano 2000 e o programa de televisão de 31 de Maio de 2007?

Resposta: Não queria que o público soubesse que havia dois desses envelopes, porque isso indicaria que havia duas partes do Terceiro Segredo, cada uma dentro do seu envelope com “1960”, uma das quais está (ou estava) nos aposentos papais e “oficialmente” não “existe”.

Pergunta: Onde está o envelope exterior com a indicação “Terceira Parte do Segredo” que Bertone identifica n’A *Última Vidente* com o envelope exterior que continha apenas *um* envelope lacrado interior da Irmã Lúcia com “1960”?

Resposta: É impossível responder. É uma de várias inconsistências que permeiam a descrição de Bertone quando ele conta e torna a contar a mesma história. Mas indica que Bertone não apresentou perante as câmaras um envelope que tinha já mencionado por escrito.

Aqui devemos notar que, na sua Introdução à *Mensagem*, em 2000, Bertone apresentou uma versão dos factos que difere do que contou n’A *Última Vidente* e no programa de 2007: “a Irmã Lúcia, antes de entregar ao Bispo de Leiria-Fátima de então o *envelope* lacrado com a terceira parte do ‘segredo’, tinha escrito no *envelope exterior* que podia ser aberto somente depois de 1960 [omitindo, como sempre, a menção da ‘ordem expressa de Nossa Senhora’]...”

Assim, segundo a versão dos factos dada em 2000 por Bertone na *Mensagem*, ao contrário dos *três* envelopes que Bertone exibira durante o programa de 2007, a Irmã Lúcia preparou apenas *dois* envelopes para a transmissão do Segredo: *um* envelope “exterior” com uma “ordem de 1960”, aparentemente *não* lacrado, e *um*

²⁴⁹ Padre Alonso, *Fátima* 50, 13 de Outubro de 1967, p. 11; cit. em WTAF, Vol. III, pp. 46-47.

envelope interior lacrado, aparentemente *sem* uma “ordem de 1960.” Assim, segundo a *Mensagem* de 2000, havia só *um* envelope com “1960” e não dois. E, como acabámos de ver, *A Última Vidente* refere-se também a apenas *um* envelope com “1960”. Apesar disto, Bertone, pela primeira vez numa controvérsia que durava há sete anos, mostrou perante as câmaras *dois* envelopes.

Toca a seguir os envelopes

É evidente que há qualquer coisa que está seriamente errada na descrição sempre variável de Bertone dos envelopes referentes ao Terceiro Segredo. Bertone deu ao todo três versões diferentes do “embrulho” do Segredo. Dependendo da versão que consultarmos, segundo Bertone: (a) Lúcia preparou um, dois ou três envelopes para a transmissão do Segredo; (b) um, ou dois, dos envelopes que preparou foi lacrado; e (c) o número total de envelopes envolvidos na transmissão do Segredo, incluindo os que não foram preparados por Lúcia, é de três ou quatro.

A única coisa em comum às três versões é que há pelo menos um envelope exterior preparado pelo Bispo de Fátima, com as suas instruções manuscritas sobre o que fazer com o texto incluso após a sua morte. Tirando isso, as três versões dos factos de Bertone são irreconciliáveis. Isto pode ver-se estudando a Tabela 2. (Veja-se na página seguinte.)

Como a tabela mostra claramente, as diferentes versões de Bertone, lidas em conjunto, apontam directamente para a existência de um ou mais envelopes que estão a ser escondidos dos fiéis. Mas apesar das muitas inconsistências na história de Bertone, não restam dúvidas do que Bertone acabara de revelar no *Porta a Porta*: dois envelopes lacrados da Irmã Lúcia, ambos com uma ordem expressa da Mãe de Deus em como o seu conteúdo só podia ser revelado em 1960. A única explicação lógica para a existência estes dois envelopes é esta: há dois textos, um para cada envelope, tal como Socci, os “Fatimistas”, milhões de Católicos e, claro, o Arcebispo Capovilla afirmam.

TABELA 2
AS TRÊS VERSÕES DE BERTONE DO “EMBRULHO”
DO TERCEIRO SEGREDO DA IRMÃ LÚCIA

<u>26 de Junho de 2000</u> (<i>Mensagem</i>) ²⁵⁰	<u>10 de Maio de 2007</u> (<i>A Última Vidente</i>) ²⁵¹	<u>31 de Maio de 2007</u> (<i>programa de TV</i>)
<p>Dois envelopes da Irmã Lúcia:</p> <p>(1) O envelope exterior, <i>não lacrado</i>, de Lúcia com a “ordem de 1960” (<i>nunca mostrado</i>); e</p> <p>(2) O envelope interior, lacrado, de Lúcia, contendo o Segredo, mas <i>sem</i> a “ordem de 1960” (<i>nunca mostrado</i>).</p>	<p>Um envelope da Irmã Lúcia, e outro, que não era dela e de origem desconhecida:</p> <p>(1) Um envelope exterior, <i>não</i> da Irmã Lúcia, com a anotação “Terceira Parte do Segredo” (<i>nunca mostrado</i>);</p> <p>(2) O envelope interior, lacrado, de Lúcia, com a “ordem de 1960” e contendo o Segredo.</p>	<p>Três envelopes da Irmã Lúcia:</p> <p>(1) O envelope exterior do Bispo D. José Correia da Silva;</p> <p>(2) O <i>primeiro</i> envelope interior de Lúcia (o envelope amarelecido), <i>não lacrado</i>, com o nome do Bispo manuscrito por ela, mas sem a “ordem de 1960” (não mencionado na <i>Mensagem</i> nem n’A <i>Última Vidente</i>);</p> <p>(3) O <i>segundo</i> envelope interior de Lúcia, lacrado, com uma “ordem de 1960” (não mencionado na <i>Mensagem</i> nem n’A <i>Última Vidente</i>);</p> <p>(4) O <i>terceiro</i> envelope interior de Lúcia, também lacrado, com uma “ordem de 1960” (não há menção na <i>Mensagem</i> nem n’A <i>Última Vidente</i>, de três envelopes interiores, incluindo dois com uma “ordem de 1960”).</p>

²⁵⁰ *Mensagem*, p. 29.

²⁵¹ Bertone, *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 49.

O significado de todos estes envelopes

Aparentemente sem dar pela sua própria espantosa revelação, Bertone continuou como se ninguém achasse minimamente estranho que a Irmã Lúcia, sem razão para tal, fizesse dois envelopes lacrados e inscritos com uma “ordem de 1960” idêntica, para o que ele dizia ser apenas *um* texto, e depois, também sem razão para tal, pusesse um envelope lacrado dentro de outro envelope lacrado. É evidente que não faz sentido Lúcia ter preparado um envelope com a ordem de não poder ser aberto até 1960, apenas para o colocar dentro de *outro* envelope com a mesma ordem. Também parece bastante estranho Lúcia ter colocado um envelope lacrado *dentro* de outro envelope lacrado.

De facto, momentos antes de revelar os dois envelopes interiores lacrados de Lúcia – os Envelopes Nos 3 e 4 – Bertone teve o cuidado de sublinhar que o Envelope N° 2 – o envelope exterior amarelado com o nome do Bispo D. José Correia da Silva escrito pela mão da Irmã Lúcia – *não tinha sido lacrado porque estava dentro do Envelope N° 1 lacrado*, o envelope exterior a todos, com as instruções do Bispo sobre o que fazer com o Segredo depois da sua morte. Se seguirmos a lógica que Bertone já indicou, se Lúcia não lacrou o envelope amarelado, o Envelope N° 2, porque foi posto dentro do envelope exterior lacrado do Bispo, o Envelope N° 1, então porque é que havia de lacrar o Envelope N° 4, que foi alegadamente colocado dentro do Envelope N° 3, *que foi lacrado?*²⁵² Por outro lado, se o envelope amarelado em que Lúcia escreveu o nome do Bispo – mais uma vez, o Envelope N° 2 – estava destinado a guardar os seus Envelopes Nos 3 e 4, *porque é que o Envelope N° 2 não foi lacrado* para proteger os dois envelopes no seu interior, destinados ao Bispo de Fátima?

De tudo isto só podemos concluir que os quatro envelopes que Bertone revelou perante as câmaras não pertencem logicamente a um só conjunto. Pelo contrário, é óbvio que o conjunto, arranjado logicamente, implicaria dois envelopes exteriores, cada um deles com *um* dos dois envelopes interiores lacrados e com a “ordem de 1960”. *De facto, é precisamente por isto que a descrição de Bertone n’A Última Vidente reflecte apenas um envelope interior e um envelope exterior.* Assim, num arranjo possível dos envelopes apresentados

²⁵² Embora Bertone tivesse o cuidado de mostrar que o Envelope N° 1 *foi* lacrado, que o Envelope N° 2 *não* foi lacrado, e que o Envelope N° 3 *foi* lacrado, quando chegou a vez do Envelope N° 4 evitou referir-se ao lacre estranhamente desnecessário, que só foi revelado inadvertentemente quando Bertone mostrou o envelope perante as câmaras.

perante as câmaras, o Envelope N° 1, do Bispo D. José Correia da Silva, devia conter o Envelope N° 3, o primeiro envelope lacrado com a “ordem de 1960”, enquanto que o Envelope N° 2, o envelope amarelado de Lúcia, que não estava lacrado, devia conter o Envelope N° 4, o segundo envelope com uma “ordem de 1960”.

Ainda mais inconsistências

Acrescentemos a estas inconsistências os factos revelados pelo relato contemporâneo escrito pelo Arcebispo Capovilla, que já discutimos, segundo o qual o Papa João XXIII o encarregou de escrever no “envelope” (*plico*) ou “embrulho” (*involucro*) contendo o Segredo a frase “Não me pronuncio”, juntamente com a assinatura de Capovilla e os nomes de todos a quem o Papa João entendeu ser necessário divulgar o Segredo. Partindo do princípio de que este “embrulho” era algum envelope exterior e não o envelope do Terceiro Segredo propriamente dito, Bertone não o mostrou durante o programa.

Pergunta: Onde está este envelope exterior?

Pergunta: Será o mesmo envelope exterior que Bertone menciona n’A *Última Vidente* mas que nunca mostrou, o envelope com a inscrição “Terceira Parte do Segredo”?

Pergunta: Não será este envelope, de facto, o envelope exterior de um texto do Segredo que ainda não foi apresentado?

Seja como for, falta um envelope cuja existência foi o próprio Bertone a revelar n’A *Última Vidente*. Eis aqui mais uma revelação que descredibiliza a versão oficial.

A versão oficial foi demolida

Cabe a Bertone deslindar a confusão provocada pelos envelopes, e os fiéis têm o direito de o ouvirem a tentar dar uma explicação. Mas uma coisa é certa: a versão oficial foi demolida. O envelope lacrado “extra” com a “ordem de 1960”, nunca antes mencionado, só podia ter sido feito para uma parte separada e distinta do Segredo que ainda está por revelar. Mais uma vez, sabemos isto porque até segundo as afirmações de Bertone antes do programa de 31 de Maio de 2007 – na *Mensagem* e n’A *Última Vidente* – não havia um *segundo envelope lacrado* da Irmã Lúcia com uma “ordem de 1960”, ou até mesmo um seu outro envelope lacrado, que fizesse parte do “embrulho” do texto da visão.

Portanto, o segundo envelope lacrado apresentado durante o

programa só podia ter sido destinado a outro texto – o texto que se encontrava nos aposentos papais. Nenhuma outra explicação faz sentido, especialmente se considerarmos que, inexplicavelmente, nem Bertone nem o Vaticano mencionaram o envelope “extra” *em nenhuma altura nos sete anos anteriores*.

Objecções possíveis

Concluindo a nossa discussão deste ponto, é necessário considerarmos certas objecções que se apresentarão ao leitor cuidadoso:

Objecção: Porque é que Bertone iria mostrar o segundo envelope lacrado perante as câmaras, demolindo assim por completo a sua posição e a do Vaticano, se esse envelope fosse a prova da existência de um segundo texto relacionado com o Segredo? Porque é que Bertone simplesmente não escondeu o envelope em vez de o mostrar?

Resposta: Tendo em conta que Bertone *nunca* tinha, de facto, mencionado o segundo envelope nos sete anos que precederam o programa de 31 de Maio de 2007, apenas para o introduzir depois de a sua existência ter sido revelada por Capovilla, a resposta a esta objecção parece ser clara: A existência dos dois envelopes tinha sido confirmada por uma testemunha viva impecável, o Arcebispo Capovilla, que fora nada menos que o secretário pessoal do Papa João XXIII. Outras provas, por mais convincentes que fossem, podiam ser ignoradas como produto da imaginação febril dos “Fatimistas”, mas não o testemunho de Capovilla. Como o Vaticano não podia refutá-lo, ou até comentá-lo, porque correspondia à verdade (a única explicação razoável para o muro de silêncio acerca de Capovilla), um número cada vez maior de fiéis, seguindo o caminho de Socci, ficariam convencidos de que *há* dois envelopes, um dos quais o Vaticano está a esconder do mundo. O problema dos “dois envelopes”, portanto, nunca desapareceria enquanto o Vaticano continuasse a negar a existência de dois envelopes, ao esquivar-se a responder a Capovilla. Só podia haver uma saída: *apresentar de repente o segundo envelope como se tivesse sempre estado à vista*, mas apenas como um de dois envelopes destinados a guardar um só texto – o texto da visão.

Só isto explica porque é que Bertone, algumas semanas antes do programa, estava ainda a dizer n’A *Última Vidente* que (a) havia só *um* envelope interior lacrado com uma “ordem de 1960”, (b) a

Irmã Lúcia tinha identificado apenas *um* envelope interior como sendo seu, e (c) o único envelope exterior (além do do Bispo D. José Correia da Silva, que não está em discussão) não era o envelope da Irmã Lúcia, mas um outro com a inscrição “Terceira Parte do Segredo” – que, mais uma vez, Bertone nunca mostrou.

É razoável concluir, pois, que entre a publicação d’A *Última Vidente* e o programa foi decidido revelar o segundo envelope com “1960” como um mero envelope “extra” para o texto da visão. Por isso, poucas semanas depois de ter negado a existência de um segundo envelope com “1960” no seu livro, Bertone apresentou-o subitamente na televisão, pela primeira vez na história da controvérsia.

Isto explicaria também porque é que Bertone teve tanto cuidado em descrever o Envelope N° 4, o envelope mais no interior, como sendo “o envelope *autêntico* que contém o Terceiro Segredo”. Haveria algum envelope *não autêntico* a este respeito? Seriam os outros envelopes no conjunto de quatro que acabara de revelar, incluindo o envelope “extra”, nunca antes mencionado, com a “ordem de 1960”, *não “autênticos”*?

Objecção: Que importância tem o facto de o envelope “extra” com a “ordem de 1960” não ter aparecido em qualquer descrição da guarda do Terceiro Segredo escrita nos últimos 60 anos?

Resposta: Como sabemos que o envelope “extra” existe, porque foi o próprio Bertone que nos mostrou, o facto de nenhum texto histórico se ter referido à sua existência *deve ser o resultado de ele ter tido um percurso mais oculto para o (e dentro do) Vaticano do que o envelope com o texto da visão* – um percurso mais oculto que acabou nos aposentos papais, sem deixar registo no arquivo do Santo Ofício.

O certo é que o Arcebispo Capovilla, num depoimento a que Bertone não respondeu nem sequer mencionou, confirmou a existência de não só dois envelopes diferentes como também de dois *textos* diferentes, compreendendo o mesmo Terceiro Segredo. Assim fez o Padre Schweigl, quase tão directamente, com a sua revelação de que o Terceiro Segredo “tem *duas partes*: Uma fala do Papa; a outra, logicamente [...], teria de ser a continuação das palavras ‘Em Portugal se conservará sempre o dogma da fé etc.’”²⁵³ E também ninguém questionou o testemunho do Padre Schweigl.

²⁵³ WTAF, Vol. III, p. 710.

Um “fólio” explosivo

Examinámos suficientemente os problemas fatais para a versão oficial apresentados pelos envelopes que Bertone mostrou no programa televisivo. Consideremos agora o conteúdo do último envelope da série: o Envelope N° 4, o chamado “envelope *autêntico* que contém o Terceiro Segredo”. Notemos, mais uma vez, a curiosa descrição deste último envelope como “autêntico,” como se houvesse algum envelope não autêntico à espera da nossa atenção.

Como se podia esperar da versão oficial, Bertone tirou do Envelope N° 4 o texto da visão do Bispo vestido de branco. Mas aqui também havia uma nova e espantosa revelação: o texto da visão não estava escrito em quatro folhas *separadas* de papel, como a *Mensagem* o fazia aparecer na foto-reprodução divulgada em 2000,²⁵⁴ mas sim em quatro folhas pegadas que parecem claramente ser um fólio *de papel pautado de um caderno de apontamentos*. Note-se aqui que, em inglês corrente, “fólio” é “uma *folha de papel* dobrada para fazer duas folhas, ou quatro páginas, de um livro ou manuscrito.”²⁵⁵ Da mesma maneira, a palavra italiana “foglio” significa “folha” ou “*folha solta de papel*.”²⁵⁶ Portanto, a palavra inglesa “fólio” e a italiana “foglio” são equivalentes – ambas significam “folha de papel”. Recordemos isto ao continuarmos a ler.

Bertone identificou o fólio do caderno de apontamentos perante as câmaras desta maneira: “o fólio (folha de papel)... o único fólio *autêntico*, o único fólio em que está contido o Terceiro Segredo” (“il foglio... l’unico foglio *autentico*, l’unico foglio in cui è contenuto il terzo segreto”).²⁵⁷ Temos de perguntar outra vez: Há um fólio *não autêntico* algures, de que Bertone tenha conhecimento? Uma folha de papel, talvez, que não “existe no arquivo do Santo Ofício”, mas que poderá existir (ou ter existido) nos aposentos papais? Se assim não é, como se explica esta insistência no único fólio “*autêntico*”?²⁵⁸

²⁵⁴ Cf. *Mensagem*, pp. 17-20, que mostra o que parece ser quatro folhas separadas de papel pautado, sem explicar que eram todas parte de um fólio de caderno de apontamentos.

²⁵⁵ *Random House Unabridged Dictionary*, © Random House, Inc. 2006.

²⁵⁶ *Oxford Paravia Concise English-Italian, Italian-English Dictionary* (Oxford: Oxford University Press, 2002).

²⁵⁷ Mais uma vez, a palavra italiana “foglio” significa uma folha de papel de dois lados, e não uma página de um livro ou manuscrito.

²⁵⁸ Durante o programa, Bertone revelou que Lúcia teve de usar uma *lente* para ler a sua própria letra e “autenticá-la”: “Então, vendo cuidadosamente com uma lente, porque tem um pouco de miopia [um pouco?], primeiro com os óculos e depois com

Portanto, como a câmara revelou, o texto da visão tinha sido escrito num fólio de quatro páginas pautadas do género de caderno de apontamentos, de um lado e doutro. E curiosamente, o fólio de quatro páginas tinha sido dobrado a meio mais uma vez, para poder caber no Envelope N.º 4. Porque é que a Irmã Lúcia faria isso, em vez de usar um envelope maior para enviar o documento sem o dobrar? O próprio Bertone tinha acabado de demonstrar que a Irmã Lúcia tinha acesso a envelopes maiores, dois dos quais faziam parte do seu conjunto!

Nem a *Mensagem*, nem Bertone, nem qualquer outro funcionário do Vaticano tinha antes revelado que a visão estava escrita em quatro páginas *pegadas*, que claramente faziam um só fólio de papel pautado de caderno de apontamentos. Pelo contrário, n'A *Última Vidente*, publicada semanas antes de aparecer na televisão, Bertone desviou a atenção do leitor deste facto. Recordemos, mais uma vez, o que a Irmã Lúcia dissera, segundo A *Última Vidente*, durante o alegado encontro de "autenticação" em Abril de 2000:

"Sim, estas são as minhas *folhas* de papel (*fogli*)... são as *folhas de papel (fogli)* que eu usei..."²⁵⁹

Portanto, segundo a descrição anterior da "autenticação" de Segredo feita pelo próprio Bertone n'A *Última Vidente*, o Terceiro Segredo foi escrito em *folhas* de papel – *não* no que Bertone chamou "a única *folha* autêntica de papel" (*l'unico foglio autentico*) no programa de televisão transmitido semanas depois. Esta inconsistência importante sugere duas conclusões, ambas destrutivas para a versão oficial:

Primeira, a Irmã Lúcia referiu-se, de facto, às "minhas folhas de papel" durante o encontro de "autenticação" com Bertone em Abril de 2000, e nesse caso *há pelo menos uma folha de papel que falta*, referente ao Terceiro Segredo, visto que Bertone disse à televisão em Maio de 2007 que o que estava a mostrar perante as câmaras era "a única folha autêntica de papel (*l'unico foglio autentico*), a única *folha* de papel em que está contido o Terceiro Segredo."²⁶⁰ Quer isto dizer que, numa altura posterior a Lúcia ter "autenticado"

a lente..."

²⁵⁹ Bertone, *L'Ultima Veggente di Fatima*, p. 49.

²⁶⁰ Comparemos o texto italiano da alegada declaração da Irmã Lúcia n'A *Última Vidente* com a declaração de Bertone no programa de televisão:

Lúcia n'A *Última Vidente*: "sono i miei fogli... sono i fogli che ho usato" (p. 49).
 Bertone na TV: "il foglio... l'unico foglio autentico... l'unico foglio in cui è contenuto il terzo segreto".

duas ou mais folhas de papel como sendo as que usou para escrever o Terceiro Segredo, foi decidido revelar apenas *uma* delas – o texto da visão no fólho do caderno de apontamentos – e ocultar a outra, que contém as palavras da Santíssima Virgem que faltam.

Segunda, na alternativa, a Irmã Lúcia não falou de “folhas de papel” (*fogli*), como vem n’A *Última Vidente*, mas apenas de uma folha (*foglio*). Nesse caso, o relato de Bertone n’A *Última Vidente* não é fiável – *ou então* foi calculado para dar a impressão falsa de que a visão estava escrita em quatro folhas separadas de papel que *não* faziam um fólho de papel pautado de caderno de apontamentos.

Mas porque é que Bertone quereria dar a impressão de que a visão não estava escrita em quatro páginas contíguas de um fólho de caderno de apontamentos, mas antes em quatro folhas separadas? Que diferença é que isto faz? Aqui convém voltar a examinar, sob um aspecto diferente, as declarações reveladoras da Irmã Lúcia em 1943-44, acima citadas:

Segundo o Padre Alonso:

“Dizem-me [o Bispo D. José Correia da Silva e o Cónego Galamba] para a escrever *nos cadernos* onde me mandaram escrever o meu diário espiritual, ou, se quiser, escrevê-la *numa folha de papel*, pô-la num envelope, fechá-lo e lacrá-lo.”²⁶¹

Da carta de Lúcia ao Bispo D. José Correia da Silva em 9 de Janeiro de 1944:

“Já escrevi o que [o Bispo D. José Correia da Silva] me mandou; Deus quis provar-me um pouco mas afinal era essa a Sua vontade: [o Segredo] está lacrado dentro dum envelope e este *dentro dos cadernos*...”²⁶²

Quer isto dizer que a Irmã Lúcia revelou que tinha escrito o Segredo *tanto* numa *folha* de papel, que colocou num envelope lacrado, *como* no seu diário, que era em forma de *caderno de apontamentos*. Ou seja, utilizou *ambas* as opções à sua disposição. O que Bertone mostrou perante as câmaras foi o que veio do *caderno de apontamentos*, enquanto que a folha de papel no envelope lacrado – a carta de Lúcia ao Bispo de Fátima – *não* foi mostrada.

²⁶¹ Padre Joaquín Alonso, *La verdad sobre el Secreto de Fátima*, p. 39; cit. em WTAF, Vol. III, p. 44.

²⁶² Padre Alonso, *Fátima 50*, 13 de Outubro de 1967, p. 11; cit. em WTAF, Vol. III, pp. 46-47.

Assim, Bertone teria uma boa razão para não revelar que o texto da visão que mostrou perante as câmaras vinha de um caderno de apontamentos: se revelasse que o texto era do *caderno de apontamentos* de Lúcia, chamaria a atenção para o facto de que Lúcia tinha também escrito *uma carta* ao Bispo de Fátima, que não fora mostrada. Afinal, não se escrevem cartas a Bispos num caderno de apontamentos! Isto poderá explicar porque é que a descrição de Bertone n' *A Última Vidente* dá a impressão de que a visão foi escrita, não num caderno de apontamentos, mas em quatro folhas separadas de papel de carta.

Objecção: Em Janeiro de 1944, a Irmã Lúcia referiu-se a apenas um envelope lacrado, e não disse que o que estava no seu caderno de apontamentos estava dentro dum segundo envelope lacrado. Como se pode manter que há dois envelopes lacrados referentes ao Terceiro Segredo?

Resposta: O Cardeal Bertone mostrou-nos *dois* envelopes lacrados! E, como a carta de Lúcia ao Bispo D. José Correia da Silva em 9 de Janeiro de 1944 diz que o conteúdo do Segredo estava "lacrado dentro *dum* envelope" – e não *dois* envelopes, um dentro do outro, como Bertone estava agora a dizer – só pode ter acontecido que a Irmã Lúcia decidiu mais tarde colocar o fólio do seu diário num envelope lacrado *separado* com a sua própria "ordem de 1960". Como Lúcia só entregou por fim os documentos do Terceiro Segredo ao Bispo Titular de Gurza, para serem entregues ao Bispo D. José Correia da Silva, seis meses depois da sua carta de 9 de Janeiro a este último – o Bispo Titular de Gurza recebeu os documentos de Lúcia em 17 de Junho de 1944 –, a sua decisão de usar o segundo envelope lacrado não apareceria na carta de 9 de Janeiro e, portanto, teria ficado fora do registo histórico. Assim, o que Bertone mostrou durante o programa de televisão foi o fólio do diário da Irmã Lúcia, que tinha o seu envelope próprio com "1960". Por um processo de eliminação, o que estava no envelope lacrado a que se refere a carta de 9 de Janeiro de 1944 não foi mostrado.

O facto de Bertone ter mostrado um fólio do caderno de apontamentos/diário de Lúcia era óbvio para o apresentador Vespa. Depois de um intervalo publicitário, Vespa disse que Bertone tinha acabado de mostrar "um documento extraordinário, uma carta, um documento, *um fólio de um diário*", e depois perguntou a Bertone: "Era dirigido a quem? É *uma espécie de diário*?" A resposta de Bertone, reveladora, foi: "É uma declaração. *Não está dirigida*

a ninguém...” Assim, Bertone acabara de admitir que o texto da visão não podia ser a “carta ao Bispo D. José Correia da Silva” que ela enviara dentro de *um* envelope lacrado. Mas podia ser, e muito provavelmente é, o que Vespa entendeu que era e que tão claramente parece ser: “um fólio de um diário” que a Irmã Lúcia tivera em forma de caderno de apontamentos e que ela por fim transmitiu *noutro* envelope lacrado – envelope lacrado esse que, se assim não fosse, estaria a mais.

Por outro lado, se se objectar que o documento que Bertone mostrou não parece nada ser um fólio de um diário, e que os “Fatimistas” estão só a adaptar a evidência às suas conclusões pré-concebidas, então é preciso responder a estas perguntas: porque é que Vespa sugeriu *duas vezes* que Bertone tinha mostrado um fólio de um diário? Estaria Vespa em posse de informações dadas por Bertone que os telespectadores não tinham que saber? Porque é que Vespa descreveu o documento como sendo *tanto* uma carta *como* um fólio de um diário, e depois perguntou a Bertone se era “uma espécie de diário”? Saberia ele que o Segredo incluía uma carta *e* um apontamento de um diário? Bertone, tal como aconteceu com tantos outros problemas, aceitou este usando de uma evasiva, dizendo que o documento era “uma declaração” que não era dirigida a ninguém, sem negar que fosse do diário de Lúcia. Não temos razão para duvidar que a percepção de Vespa estava bem fundamentada, especialmente porque a própria Lúcia se referira a escrever o Segredo nos “*cadernos onde me mandaram escrever o meu diário espiritual...*”

Outra revelação importante

A revelação do fólio do caderno de apontamentos, que a versão oficial tinha apresentado nos últimos sete anos como quatro folhas de papel separadas, foi mais um acrescento à montanha de discrepâncias e provas por refutar que demonstravam a existência de um texto oculto do Segredo. Mas o desastre não terminou quando Bertone apresentou os envelopes e o seu conteúdo. Noutra das suas muitas revelações esclarecedoras mas inadvertentes, Bertone – sublinhando mais uma vez o novo tema do “texto autêntico” que “existia de facto no arquivo” – insistiu que “só havia este fólio *no arquivo do Santo Ofício em 1957, quando, por ordem de Nossa Senhora e do Bispo de Leiria, a Irmã Lúcia aceitou que o Segredo fosse levado do arquivo do Cardeal Patriarca de Lisboa para Roma...*”

O arquivo do Cardeal Patriarca de Lisboa? Mas o documento que nos interessa *nunca esteve no arquivo do Cardeal Patriarca de Lisboa*. É um facto histórico inegável que, em 1957, cópias de todos os escritos de Lúcia e o envelope contendo o Segredo foram entregues pessoalmente, *directamente da chancelaria em Leiria*, pelo Bispo auxiliar Venâncio ao núncio papal em Lisboa, Monsenhor Cento, que levou os documentos directamente para Roma.²⁶³ Foi pouco antes de partir para fazer essa entrega que Venâncio segurou o envelope exterior lacrado do Bispo D. José Correia da Silva contra a luz, para ver o envelope da Irmã Lúcia e o texto de uma só página que continha.

Assim, parece que o “texto autêntico” no arquivo do Cardeal Patriarca de Lisboa é o mesmo “texto autêntico” que “existia de facto no arquivo do Santo Ofício” em 2000. Mas não é o texto que procuramos, que evidentemente tomou outro caminho para chegar a Roma, um caminho que ia do Bispo D. José Correia da Silva ao núncio papal Monsenhor Cento, e deste aos aposentos papais de Pio XII – como Bertone admitira tacitamente com o seu silêncio ensurdecedor a respeito do depoimento do Arcebispo Capovilla (para não falar de todas as outras testemunhas que localizaram um texto do Segredo nos aposentos papais).

Sem uma resposta a Ottaviani!

Por esta altura, o próprio Bertone já tinha demolido a versão oficial no programa de televisão. Mas o descalabro ainda não estava bem acabado. Tendo apresentado perante as câmaras o fólio de quatro páginas e 62 linhas, Bertone enfrentou o único desafio que lhe apresentaram, embora timidamente, em 100 minutos de programa. Dizia respeito ao depoimento do Cardeal Ottaviani, segundo o qual o Segredo era um documento de uma página com 25 linhas de texto manuscrito. Em resposta a este problema, Bertone, apesar de manter uma aparência calma, atrapalhou-se gravemente.

Marco Politi, apesar de tranquilizar Bertone, dizendo que “estamos de acordo com o Cardeal Bertone em que não existem outros documentos” (não há melhor prova de que a entrevista estava arranjada), fez notar que

 Todavia, há coisas estranhas, e também no livro de De Carli (*A Última Vidente*), o Cardeal Ottaviani disse, quanto ao conteúdo, que eram 25 linhas, enquanto que temos aqui

²⁶³ WTAF, Vol. III, pp. 480-481.

um texto de 62 linhas. O Papa Wojtyla sugeriu a um grupo de intelectuais alemães que o Segredo de Fátima fala de grandes tribulações que *esperam* a Cristandade... que trata de enormes catástrofes, de cataclismos, enquanto que, ao lermos o texto da visão, este refere-se a perseguições à Igreja que parecem já ter passado [segundo Bertone e a versão oficial].

Em resposta, Bertone ignorou a referência exacta de Politi aos comentários de João Paulo II, recolhidos em Fulda (em 1980) sobre os elementos apocalípticos do Segredo, aceitando assim tacitamente este ponto (como fizera com muitos outros). Sobre o depoimento do Cardeal Ottaviani, Bertone não só não apresentou uma negação firme, como propôs uma afirmação espantosa que apenas substanciou as objecções de Politi: “Para mim, foi um pouco estranho o Cardeal Ottaviani *ter falado categoricamente de uma folha de 25 linhas...*”

Quer dizer, Bertone acabara de reconhecer perante milhões de testemunhas que o depoimento “categórico” do Cardeal Ottaviani atacava a versão oficial. E Bertone só achou este depoimento *um pouco* estranho? Porque é que não seria *muíttissimo* estranho, até mesmo motivo de pânico, que requeria desmentidos e correcções públicas imediatas, dada a posição “oficial” de Bertone de que um tal texto nunca tinha existido? Porque é que ele não se apressou a dizer, com todo o respeito devido ao falecido Cardeal, que Ottaviani não podia ter tido razão? Em vez disso, Bertone fez outra afirmação reveladora para explicar porque é que considerava o depoimento do Cardeal “um pouco” estranho: “...porque o Cardeal, na altura Pró-Prefeito da Congregação do Santo Ofício, teve fisicamente na sua mão por diversas vezes o Terceiro Segredo, e também o mostrou pessoalmente ao plenário dos Cardeais...” Mas esta é precisamente a razão para Ottaviani *saber do que estava a falar* quando se referiu “categoricamente” a um texto de uma folha com 25 linhas!

Bertone, por seu lado, não foi testemunha ocular do modo como Ottaviani pegou no Terceiro Segredo na década de 1960. Nessa altura, Bertone, ainda um jovem sacerdote, estava na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, onde se manteve com sucessivos cargos académicos até ser feito Arcebispo de Vercelli em 1991. Portanto, Bertone não podia dizer, da sua própria experiência, que documento ou documentos Ottaviani tinha nas mãos em várias ocasiões, incluindo o referido “plenário”

(assembleia geral) de Cardeais sobre o Segredo – uma indicação agora revelada da sua grande importância e melindre.²⁶⁴ E Bertone não citou qualquer depoimento de uma testemunha ocular que refutasse Ottaviani. Pelo contrário, o que foi dizer a seguir revelou que *não sabia nada e não conhecia ninguém que pudesse contradizer a evidência decisiva de Ottaviani*. Examinemos cuidadosamente estas palavras do programa de televisão:

...talvez tivesse feito um sumário bastante apressado [do Segredo], que se tivesse enganado.²⁶⁵ Não *acredito* que este elemento seja *tão convincente* que diga que há uma folha de papel (*foglio*) de 25 linhas com respeito à outra de cerca de 60 linhas.

O Cardeal Bertone *não acreditou* que o depoimento do Cardeal Ottaviani seja um “elemento” que é “tão convincente” que diga que falta um texto de 25 linhas com respeito ao texto publicado de 62 linhas? *Talvez* Ottaviani tivesse feito à pressa um sumário do conteúdo do Segredo? *Talvez* se tivesse enganado? Serão estas as palavras que se esperam de um homem que tem a certeza de que a declaração “categórica” de Ottaviani tem de estar errada? Ou estas serão antes as palavras de um homem que adoptou a postura retórica de parecer ficar perplexo com alguma coisa que já sabe ou que tem razões para suspeitar que é verdadeira?

Consideremos que, como Secretário de Estado do Vaticano, Bertone tinha livre acesso a testemunhas ou documentação que podiam ter refutado conclusivamente o depoimento de Ottaviani, se essas testemunhas ou documentos existissem. Por exemplo, Bertone podia ter perguntado em qualquer altura entre 2000 e 2007 a quaisquer dos Cardeais ainda vivos quem esteve presente no plenário do Terceiro Segredo, a que Ottaviani presidiu; ou, se não os Cardeais, quaisquer membros do seu pessoal que ainda fossem vivos. Seria fácil perguntar a estas testemunhas se alguma vez viram nas mãos de Ottaviani um documento de

²⁶⁴ Bertone foi professor, decano e reitor da Universidade Salesiana em Roma até 1991, quando João Paulo II o nomeou Arcebispo de Vercelli. Em Junho de 1995, “o mesmo Papa pediu-lhe para voltar a Roma para ser Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé, cujo Prefeito era o Cardeal Ratzinger.” Cf. “Cardinal Bertone prefers activity to study”, Zenit, em permalink: <http://www.zenit.org/article-16979?l=english>, em inglês. Bertone não esteve envolvido nas movimentações dos documentos do Terceiro Segredo nas mãos do Cardeal Ottaviani e doutros na década de 1960.

²⁶⁵ Em italiano: “*può darsi che* abbia fatto un calcolo sommario, che sia sbagliato...” A frase “*può darsi che*” significa “pode ser que”, “talvez” ou “por acaso”. Cf. *Oxford Paravia Concise English-Italian, Italian-English Dictionary* (Oxford: Oxford University Press, 2002).

25 linhas referente ao Segredo, se o ouviram descrevê-lo, ou se eles próprios teriam visto o documento. Bertone podia ainda ter consultado as minutas do plenário e os papéis pessoais do próprio Ottaviani. Ou podia ter inquirido várias outras testemunhas no Vaticano, do Papa para baixo, sobre se eles, ou alguém, tinham alguma vez visto o texto cuja existência Ottaviani tinha afirmado “categóricamente”, ou se tinham ouvido falar dele.

Em vez disso, Bertone apareceu na televisão nacional totalmente impreparado para refutar a declaração “categórica” de Ottaviani que contrariava a versão oficial. E porquê? Porque *não tem refutação*. O Cardeal Ottaviani estava a dizer a verdade.

Uma aritmética complicada

Bertone, porém, depois de um intervalo publicitário de quatro minutos que lhe deu tempo para pensar neste problema, propôs uma improvisada “tentativa de explicação”, que demonstrou que ele estava preparado para “retorcer” os factos para salvar da demolição a versão oficial. Bertone sugeriu que o Cardeal Ottaviani, não se sabe como, tinha contado as linhas do texto em só *duas* páginas do fólio de quatro páginas:

Uma tentativa de explicação da afirmação do Cardeal Ottaviani. Ottaviani, talvez – pode-se descobrir, se calculamos na primeira página do fólio [*foglio* em italiano] o princípio e o fim – talvez o Cardeal Ottaviani a segurasse assim [segurando um lado do fólio em que aparecem a primeira e a quarta páginas], e vê-se que há, que haveria em si 16 linhas [indicando a quarta página] mais 9 [indicando a primeira página] – recorde-se que há 9 linhas escritas na primeira página. Portanto, 16 mais 9 são 25, sem contar as páginas seguintes. Isto podia ser uma explicação.

Podia ser? Se isto foi o melhor que o Cardeal conseguiu fazer para responder a Ottaviani, então é claro que não tinha resposta – nem mesmo esta, implausível que era – porque o total das linhas de texto na primeira e quarta páginas do fólio é de 32 e não de 25: 13 na primeira página e 19 na quarta; ou 30 linhas ao todo se excluirmos o “J.M.J.” na primeira página e a data no fim da quarta página.

Ora bem, no intervalo de quatro minutos Bertone teve muito tempo para contar as linhas nas duas páginas (nós fizemos isto em 30 segundos), e neste caso teria descoberto imediatamente que

a sua “explicação” não fazia sentido. Assim, ou o Cardeal contou o número de linhas e deliberadamente se enganou perante as câmaras, ou não se deu ao trabalho de as contar e simplesmente atreveu-se a uma estimativa imprecisa como se fosse um facto determinado. Em qualquer dos casos, o Cardeal mostrou-se como um indivíduo astucioso, capaz de enganar milhões de pessoas se tal ajudasse os seus interesses. Mais ainda, a ideia de que o Cardeal Ottaviani podia não ter reparado em duas das quatro páginas da visão era tão ridícula que indicou que Bertone sabia muito bem que Ottaviani estava a dizer a verdade e que só uma habilidade apressada perante as câmaras podia obscurecer esse facto.

Em resumo, Bertone enfrentou o ponto crucial do depoimento de Ottaviani – era muito mais do que as “coisas estranhas”, como Politi lhes chamara – como se não estivesse em melhor posição de saber a verdade do que os telespectadores, mesmo apesar de ter acesso a tudo e mais alguma coisa que pudesse ter refutado o depoimento de Ottaviani. Apesar disto, tudo o que Bertone tinha a apresentar era uma “tentativa de explicação” abertamente enganadora.

Só são possíveis quatro conclusões com respeito às afirmações de Bertone, todas elas desfavoráveis para a versão oficial: (1) Bertone não quer investigar a verdade do depoimento de Ottaviani porque não quer ficar a saber que é verdadeiro, de modo a continuar a fingir que é algum “elemento” misterioso, “um pouco estranho”, mas que não é “tão convincente”; (2) Bertone sabe muito bem que Ottaviani disse a verdade e que o documento que identificou “categoricamente” existe mesmo, e neste caso Bertone está desonestamente a esconder o facto; (3) sob a “reserva mental lata” a que já nos referimos, o documento que Ottaviani identificou, como era, na avaliação de Bertone, “não autêntico” (porque fala da apostasia na Igreja, que Bertone exclui *a priori*), não “existe”; ou (4) sob outra reserva mental, o referido texto não “existe” porque não estava no arquivo do Santo Ofício, mas apenas nos aposentos papais, texto este cujo conhecimento Bertone só admitirá em Setembro de 2007 (como veremos no Capítulo 10).

A marcha das versões múltiplas

Tendo fracassado na resposta ao desafio de Politi, Bertone usou os minutos finais do programa para continuar a sua tentativa

de refutar a “ordem expressa de Nossa Senhora” de o Segredo só poder ser revelado em 1960. Depois de De Carli ter chamado a atenção para o facto de a ligação do Terceiro Segredo ao ano de 1960 “poder apresentar alguns problemas” para a “interpretação” de que o Segredo culmina com o atentado de 1981 contra João Paulo II, Vespa acrescentou: “Mas V. Ex^a Reverendíssima, Senhor Cardeal, disse [quando leu em voz alta perante as câmaras a ‘ordem de 1960’ nos dois envelopes] que Nossa Senhora dissera não antes de 1960”. Ignorando os dois envelopes que mostrara perante as câmaras momentos antes, Bertone levantou a mão num gesto defensivo e respondeu com a sua explicação já pronta de que a Irmã Lúcia tinha inventado a data:

Sim, uma instrução da Santíssima Virgem. *Mas eu perguntei-lhe*: “Foi realmente a Madonna que lhe ordenou que o envelope não fosse aberto antes de 1960, ou foi [a Irmã Lúcia] que escolheu essa data?” E a Irmã Lúcia respondeu-me literalmente: “Fui eu que escolhi a data”. A Madonna não queria que o Segredo fosse conhecido. Este é um ponto firme, mesmo se ela [Lúcia] decidisse escrevê-lo com a permissão da Madonna, mas para o entregar como um segredo que não podia ser publicado. “Fui eu que pensei que 1960 seria um termo suficiente para se poder abrir o envelope.” E ela disse: “E eu pensei que talvez já tivesse morrido e não fosse implicada no Segredo.”

“*Mas eu perguntei-lhe*”, disse Bertone, como se a Irmã Lúcia só estivesse à espera de uma só pergunta do Cardeal para abandonar uma vida inteira de testemunho. Aqui Bertone dá a sua *terceira* versão diferente da alegada confissão da Irmã Lúcia de que tinha inventado a ordem expressa de Nossa Senhora escrita nos dois envelopes, completa com alegadas citações “literais”. A alegada pergunta de Bertone e as alegadas respostas da Irmã Lúcia tinham sido novamente retocadas completamente. Punhamos esta terceira versão lado a lado com as duas que já comparámos na Tabela 3, na página seguinte.

Note-se que a alegada forma das perguntas, as palavras das alegadas respostas da “Irmã Lúcia” e os conceitos que ela alegadamente exprimiu nessas respostas são diferentes de uma versão para a outra. Tirando o problema continuado da “liquidez” chocante das citações que Bertone atribuiu a Lúcia, vemos que na terceira versão Bertone põe Lúcia a dizer as seguintes palavras: “Fui eu que escolhi a data. Fui eu que pensei que 1960 seria *um*

TABELA 3
AS TRÊS VERSÕES QUE BERTONE DEU DA ALEGADA “CONFISSÃO”
DA IRMÃ LÚCIA SOBRE A “ORDEM EXPRESSA DE NOSSA SENHORA”

<u>26 de Junho de 2000</u> (<i>Mensagem</i> , p. 28)	<u>10 de Maio de 2007</u> (<i>A Última Vidente</i> , p. 92)	<u>31 de Maio de 2007</u> (programa)
<p>Bertone: “Porquê o limite de 1960? Foi Nossa Senhora que indicou aquela data?”</p> <p>Lúcia: “Não foi Nossa Senhora; fui eu que meti a data de 1960 porque, segundo intuição minha, antes de 1960 não se perceberia, compreender-se-ia somente depois.”</p>	<p>Bertone: “Foi a Madonna que sugeriu aquela data, para indicar um termo cronológico tão preciso?”</p> <p>Lucia: “Foi uma decisão minha, porque achei que 1960 seria uma data muito distante de quando escrevi o ‘Segredo’ em 1944 e porque pensei que estaria morta nesse ano, e portanto o último obstáculo à interpretação e à revelação do segredo teria desaparecido. A Madonna não me comunicou nada a esse respeito.”</p>	<p>Bertone: “Foi <i>realmente</i> a Madonna que lhe ordenou que o envelope não fosse aberto antes de 1960, ou foi [a Irmã Lúcia] que escolheu essa data?”</p> <p>Lúcia: “Fui eu que escolhi a data. Fui eu que pensei que 1960 seria <i>um termo suficiente para se poder abrir o envelope</i>. E eu pensei que talvez já tivesse morrido e não fosse implicada no Segredo.”</p>

termo suficiente para se poder abrir o envelope.” Esta nova razão da “Irmã Lúcia” para inventar ordens do Céu e escrevê-las em envelopes parece inspirar-se na teoria de Bertone, expressa n’*A Última Vidente*, segundo a qual Lúcia escolheu 1960 arbitrariamente porque dava “um arco temporal suficientemente grande para a compreensão do sentido da visão.”²⁶⁶ Pelos vistos, entre o princípio e o fim de Maio de 2007 o “arco temporal suficientemente grande” de Bertone tinha-se misturado conceptualmente com a explicação revista da “Irmã Lúcia” de “um *termo suficiente* para se poder abrir o envelope.”

Mas, para repetir a pergunta que fizemos mais atrás ao discutir *A Última Vidente*, porque é que exactamente 16 anos a partir de 1944 seriam “um termo suficiente para se poder abrir o

²⁶⁶ *L’Ultima Veggente di Fatima*, p. 92.

envelope?" Porque não 10 anos, 15 anos, ou 20 anos? Porque é que uma data de mais 16 anos no futuro apareceria na cabeça da Irmã Lúcia, vinda de parte alguma? E porque é que a Irmã Lúcia havia de pensar que a revelação do Segredo tinha alguma coisa a ver com completar-se um "arco temporal" ou um "termo suficiente"? Como é que ela saberia que o Segredo era sensível ao tempo, a menos que a Santíssima Virgem lho dissesse? E se a Santíssima Virgem lho *tinha dito*, porque é que não lhe diria também *quando* é que o envelope podia ser aberto? As declarações de Bertone são inacreditáveis. Mais uma vez: se a Irmã Lúcia lhe disse uma tal coisa, só podia ser produto de coacção ou de pressão indevida. De outra maneira, as palavras atribuídas por Bertone à Irmã Lúcia não são dela, mas são fabricadas por Bertone.

Porém, como aconteceu tantas vezes antes, as declarações de Bertone acabam por atacar a sua posição. Repare-se que, como já citámos mais acima, Bertone disse o seguinte no programa de televisão: "A Madonna não queria que o Segredo fosse conhecido. Este é um ponto firme, mesmo se ela [Lúcia] decidisse escrevê-lo com a permissão da Madonna, mas para o entregar como um segredo que não podia ser publicado." Segundo Bertone, portanto, Nossa Senhora não queria que o Segredo fosse conhecido ou publicado, e nem sequer deixava que fosse escrito sem sua licença; pois apesar disto, a Irmã Lúcia decidiu por sua conta que seria publicado em 1960 e falsificou em dois envelopes uma ordem expressa da Santíssima Virgem nesse sentido, mas que não existiu!

Temos de rejeitar como um disparate a sugestão de Bertone de que Nossa Senhora deu simplesmente uma espécie de "permissão" contra vontade para se escrever um Segredo que "não podia ser publicado". Para que é que se ia escrever um texto que ninguém estava autorizado a ver? Pelo contrário, a Santíssima Virgem encarregou Lúcia de escrever um texto que *era* para ser publicado – em 1960. Mas esperava-se que os telespectadores acreditassem que, quando a Santíssima Virgem deu a Lúcia uma "ordem expressa" de escrever o Segredo,²⁶⁷ não tinha nada a dizer sobre *quando* é que o Segredo havia de ser publicado. E, o que é ainda menos plausível, esperou-se que os telespectadores acreditassem que Nossa Senhora *nunca* tinha dito nada a Lúcia sobre quando o Segredo devia ser revelado ao mundo. Foi tudo deixado à imaginação de Lúcia, incluindo os seus cálculos *ad hoc*

²⁶⁷ Esta ordem foi dada durante a aparição de Nossa Senhora em Tuy em 2 de Janeiro de 1944. Cf. *WTAF*, Vol. III, pp. 47-48.

de “arcos temporais” e “termos suficientes”.

Causando ainda mais estragos a si próprio, Bertone respondeu assim à pergunta de Vespa sobre porque é que a Irmã Lúcia tinha esperado tanto tempo (de 1917 a 1944) para escrever o Segredo:

Porque ela tinha a proibição: o Terceiro Segredo era para guardar dentro de si e não o revelar a ninguém. Esta era a *ordem de Nossa Senhora*.

Portanto, Bertone estava pronto a aceitar que Lúcia tinha recebido “a ordem de Nossa Senhora” para algumas coisas, mas não para outras. Quanto à ordem *expressa* de Nossa Senhora, escrita em dois envelopes diferentes e comunicada ao Bispo de Lúcia, ao Cardeal Patriarca de Lisboa, a toda a Igreja Católica e ao mundo inteiro, bem, essa ordem foi inventada. Uma conclusão mesmo muito conveniente, considerando que uma ordem do Céu a ligar o Terceiro Segredo a 1960 não só destruiria a “interpretação preventiva” de Sodano e Bertone, ligando a visão do “Bispo vestido de branco” a uma tentativa falhada de assassinio em 1981, mas também apontaria directamente ao Concílio Vaticano II e ao período que se lhe seguiu como o ponto focal do Segredo. O telespectador atento não podia deixar de rir com a grande audácia de tudo isto – e em seguida ficar zangado com este tratamento desdenhoso em relação à falecida vidente e à sua relação incomparavelmente íntima com a Mãe de Deus.

A “marcha das versões múltiplas” continuou com a última asserção de Bertone, de que a Irmã Lúcia tinha “aceite” a “interpretação” da visão por Sodano e Bertone: “Quando ela ouviu as notícias do atentado de 13 de Maio – todo o convento rezou a noite inteira – ela pensou que *este era o momento da realização daquela terrível profecia, e que ele era o Papa do Terceiro Segredo*. Disse ela: ‘Sim, pensei nisso’ – mais uma prova da interpretação...” Compare-se isto com as *quatro* versões anteriores do relato de Bertone que apresentamos na Tabela 4, na página 151.

Como podemos ver ao estudar a tabela: (1) Na versão de 2000 do relato de Bertone, Lúcia apenas concorda que a mão maternal de Maria desviou a bala que teria matado João Paulo II, mas não chega a aceitar a “interpretação”, embora Bertone sugira que a aceitou. (2) Mas na mesma versão de 2000, Bertone citou um fragmento de uma carta alegadamente enviada por Lúcia ao Papa em 1982, em que a vidente não faz nenhuma referência à tentativa de assassinio e avisa que *ainda não vimos* todo o Segredo a cumprir-se. (3) Em Dezembro de 2001, porém, Lúcia “confirma

inteiramente” a interpretação de que o Papa na visão é João Paulo II. (4) Mas no início de Maio de 2007, quando lhe perguntaram directamente se Lúcia aceitara a interpretação, Bertone admitiu que “não nestes termos” – ou seja, não. (5) Finalmente, durante o programa de televisão em fins de Maio de 2007, poucas semanas mais tarde, Bertone coloca subitamente a vidente falecida a dizer positivamente que a tentativa de assassínio era “o momento da realização daquela terrível profecia, e que ele [João Paulo II] era o Papa do Terceiro Segredo”. Notemos, todavia, que nesta quinta versão as únicas palavras que são atribuídas à Irmã Lúcia são “Sim, pensei nisso.” A alegada declaração unívoca de Lúcia em Novembro de 2001 – “confirmo plenamente a interpretação...” – já tinha sido esquecida há muito tempo. Também caíram no esquecimento a citação que Bertone fez em 2000 de uma alegada carta que Lúcia teria escrito a João Paulo II em 1982, contradizendo plenamente a noção de que a tentativa de assassínio de 1981 é a “realização” do Terceiro Segredo.

Embora o assunto da Consagração da Rússia não seja o tema focal deste livro, o comentário de Bertone a propósito dele durante o programa dá-nos mais um exemplo da incapacidade que ele demonstrou ao citar duas vezes a Irmã Lúcia da mesma maneira, sobre qualquer assunto de que, segundo ele disse, ela lhe falou durante os seus “encontros” com a vidente. Depois de Bertone ter observado que a Irmã Lúcia “provavelmente teve outras aparições, por ter tido uma vida longa”, Vespa perguntou se ela alguma vez lhe tinha falado destas outras aparições. Bertone respondeu: “*Não me falou disso*, mas indirectamente – pedi verificações, ou tentei verificar. Por exemplo, depois do famoso acto de consagração de João Paulo II ao Imaculado Coração, ela disse-me que a Madonna lhe dissera que aquela consagração era a que ela estava à espera e que ela estava satisfeita, e estamos em 1984.” Esta declaração era radicalmente diferente do que Bertone dissera a *La Repubblica* dois anos antes, que foi o seguinte: “Lúcia teve uma visão em 1984, a última a ser ‘pública’, de que nunca se falou, durante a qual a Madonna lhe agradeceu pela consagração em Seu [de Deus!] nome...”²⁶⁸

A última versão que Bertone deu da alegada mudança de opinião da Irmã Lúcia sobre a insuficiência de uma consagração do mundo afastava-se do relato da sua suposta entrevista com

²⁶⁸ *La Repubblica*, 17 de Fevereiro de 2005; cit. em *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 123.

TABELA 4
AS CINCO VERSÕES DE BERTONE DA ALEGADA ACEITAÇÃO PELA IRMÃ LÚCIA
DA “INTERPRETAÇÃO” DO TERCEIRO SEGREDO DE SODANO/BERTONE

<p>26 de Junho de 2000 (<i>Mensagem</i>, p. 28 –relatando a entrevista de Lúcia por Bertone em 27 de Abril de 2000)</p>	<p>26 de Junho de 2000 (<i>Mensagem</i>, p. 9 – reproduzindo uma alegada carta de Lúcia ao Papa João Paulo II de 12 de Maio de 1982)</p>	<p>21 de Dezembro de 2001 (comunicação sobre a entrevista da irmã Lúcia por Bertone de 17 de Novembro de 2001, publicada em <i>L’Osservatore Romano</i>, p. 4)</p>	<p>10 de Maio de 2007 (<i>A Última Vidente</i>, p. 65 – entrevista não especificada de Lúcia por Bertone)</p>	<p>31 de Maio de 2007 (programa de televisão – falando de uma entrevista não especificada de Lúcia por Bertone)</p>
<p>“Quanto à passagem relativa ao Bispo vestido de branco, isto é, ao Santo Padre... que é ferido de morte e cai por terra, a irmã Lúcia concorda plenamente com a afirmação do Papa: ‘Foi uma mão materna que guiou a trajectória da bola e o Santo Padre agonizante deteve-se no limiar da morte.’”</p>	<p>Lúcia supostamente declarou, num fragmento de uma carta alegadamente enviada ao Papa João Paulo II em 1982, um ano <i>depois do atentado</i>: “<i>Se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia, vemos que para aí caminhamos a passos largos...</i>”</p>	<p>Lúcia alegadamente disse a Bertone: “...Eu confirmo inteiramente a interpretação feita no Ano do Jubileu.”</p>	<p>De Carli: “Explicou tudo isto à irmã Lúcia, e ela aceitou a interpretação?” Bertone: “Certamente, <i>então</i> não nestes termos. Ela insistiu na força da oração e na conexão, forte como granito, de que os Corações de Jesus e Maria não podem ficar surtos às nossas súplicas”.</p>	<p>Bertone: “Quando ela ouviu as notícias do atentado de 13 de Maio... ela pensou que este era o momento da realização daquela terrível profecia, e que ele era o Papa do Terceiro Segredo. Disse ela: ‘Sim, pensei nisso’ – mais uma prova da interpretação...”</p>
<p>Nota: Lúcia apenas concorda que Deus desviou a bola do assassino; não concorda com a interpretação.</p>	<p>Nota: A carta que Bertone cita na <i>Mensagem</i> contradiz a sua própria sugestão, também na <i>Mensagem</i>, de que a visão se refere à tentativa de assassinio de 1981. A carta não faz qualquer menção do atentado, embora tivesse sido supostamente escrita um ano mais tarde.</p>	<p>Nota: “Lúcia” alegadamente “confirma inteiramente” que a visão culmina com a tentativa de assassinio de 1981. Mas a sua suposta carta ao Papa em 1982, citada pelo próprio Bertone na <i>Mensagem</i>, diz o contrário: “<i>Se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia, vemos a que para aí caminhamos a passos largos...</i>”</p>	<p>Nota: Lúcia já não “confirma inteiramente” a interpretação.</p>	<p>Nota: “Lúcia” agora alegadamente “pensa” que João Paulo II era o Papa da visão, e que a visão ‘realizou-se’ com a tentativa de assassinio. Mas, novamente, a sua suposta carta ao Papa de 1982 diz o contrário: “<i>Se não vemos ainda, como facto consumado, o final desta profecia...</i>”</p>

a vidente em 17 de Novembro de 2001, durante a qual Lúcia alegadamente disse: “Já disse que a consagração desejada por Nossa Senhora foi feita em 1984, e foi aceite no Céu.” Em 2001 não se falou, como Bertone disse na televisão em 2007, de que a Madonna lhe dissera pessoalmente “que aquela consagração era a que Ela estava à espera e que Ela estava satisfeita”. Portanto, a versão da televisão de 2007 do que Lúcia alegadamente disse a Bertone era diferente das versões que Bertone deu em 2000 (na *Mensagem*), 2001 (a alegada entrevista de Lúcia) e 2005 (a declaração em *La Repubblica*), que diferiam umas das outras. Comparemos as quatro versões diferentes que Bertone deu do alegado depoimento de Lúcia sobre este ponto. (Veja-se a Tabela 5 na página seguinte.)

Um final absurdo

Nos últimos minutos do programa, Politi, pelo menos, serviu a verdade ao rejeitar a “interpretação preventiva,” declarando abertamente que a visão do Bispo vestido de branco “não está certamente ligada ao atentado contra o Papa.” Sentado na sua cadeira dourada, mas sem qualquer autoridade verdadeira neste caso, Bertone não conseguiu apresentar mais do que a sua opinião contrária:

Não penso que se possa afirmar, como Politi afirma categoricamente, que o Terceiro Segredo não tem qualquer referência ao atentado. Mas como pode ele dizer isto? Refere-se exactamente ao atentado, o Bispo vestido de branco, ‘tivemos a impressão de que era o Santo Padre.’ Entrevistei a Irmã Lúcia. Devemos aqui ver o que a Irmã Lúcia disse, e então depois discutir tanto quanto quisermos...

Como já vimos, Bertone, na altura do programa de televisão, já tinha dado cinco versões diferentes do que “a Irmã Lúcia disse” sobre a sua “interpretação” da visão, na quarta das quais Bertone, ao ser perguntado directamente se Lúcia a aceitava, admitiu: “não nestes termos.” Lúcia, ao que parece, não tinha ficado mais persuadida do que Politi. O que nos espanta quando vemos este debate televisivo – uma e outra vez, como fizemos – sobre o significado da visão do Bispo vestido de branco é o absurdo completo da situação: um Cardeal do Vaticano a discutir com um jornalista, num programa de conversa, sobre o significado do que a Mãe de Deus disse noventa anos antes para o bem da

TABELA 5
AS QUATRO VERSÕES QUE BERTONE DEU DA ALEGADA “APROVAÇÃO”
DA IRMÃ LÚCIA DA CONSAGRAÇÃO DO MUNDO DE 1984

<p><u>26 de Junho de 2000</u> (<i>Mensagem</i>, p. 8)</p>	<p><u>21 de Dezembro de 2001</u> (comunicado sobre o “encontro” de 17 de Novembro de 2001 com a Irmã Lúcia)²⁷⁰</p>	<p><u>17 de Fevereiro de 2005</u> (<i>La Repubblica</i>)²⁷¹</p>	<p><u>31 de Maio de 2007</u> (programa <i>Porta a Porta</i>)</p>
<p>A Irmã Lúcia alegadamente “confirmou” pessoalmente que a cerimónia de 1984 era suficiente.</p> <p>Nota: <i>Não há</i> uma declaração de Nossa Senhora a Lúcia a “aprovar” a cerimónia de 1984, nem uma declaração de Lúcia a Bertone, mas apenas uma carta, já denunciada como falsa, a um desconhecido, criada por um computador que Lúcia nunca usou.²⁶⁹</p>	<p>Lúcia alegadamente declarou: “Já disse que a consagração desejada por Nossa Senhora foi feita em 1984, e foi <i>aceite no Céu.</i>”</p> <p>Nota: A primeira alegada referência de Lúcia a uma comunicação do “Céu”, mas ainda sem declaração ou aparição de Nossa Senhora. (“Se eu tivesse tido novas revelações, <i>não falaria delas a ninguém</i>, mas dizia-as directamente ao Santo Padre!”)</p>	<p>Bertone disse que “Lúcia teve uma visão em 1984, a última a ser ‘pública’, de que nunca se falou, durante a qual a Madonna lhe agradeceu pela consagração em Seu [de Deus!] nome...”</p> <p>Nota: A alegada “aceitação” pelo Céu tornou-se uma aparição da Virgem Maria em 1984, “de que nunca se falou”, durante a qual a Santíssima Virgem alegadamente agradece em nome de Deus a cerimónia de 1984.</p>	<p>Bertone disse que Lúcia, embora <i>não lhe falasse</i> directamente de outras visões, “disse-me que a Madonna lhe dissera que aquela consagração era a que Ela estava à espera e [que] Ela estava satisfeita...”</p> <p>Nota: Bertone omite a sua alegação em 2005 de que Nossa Senhora tinha aparecido a Lúcia em 1984 para lhe dar um “obrigado” divino em nome de Deus.</p>

humanidade. Querem que acreditemos que a Única que não tinha nada a dizer sobre o significado da visão era a Única que a confiou a Lúcia, com instruções para a revelar em 1960! Como Socci perguntou, e com razão: “Será possível que a Madonna apareça de forma tão sensacional em Fátima para dar uma

²⁶⁹ Como já sublinhámos, Bertone admitiu n’*A Última Vidente* que Lúcia “nunca trabalhou com o computador.” Cf. nota 158.

²⁷⁰ Cf. “Incontro di S.E. Mons. Tarcisio Bertone con Suor Maria Lucia de Jesus e do Coração Imaculado,” *L’Osservatore Romano* (edição italiana), 21 de Dezembro de 2001, p. 4; e “Archbishop Bertone met Sr. Lucia: Convent of Coimbra, Portugal, 17 November 2001”, *L’Osservatore Romano* (edição inglesa), 9 de Janeiro de 2002, p. 7.

²⁷¹ *La Repubblica*, 17 de Fevereiro de 2005; cit. em *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 123.
<http://www.secretstillhidden.com/pt/pdf/capitulo8.pdf>

mensagem de aviso tão importante que, apesar disso, continua a ser incompreensível, confusa ou susceptível de interpretações várias e contraditórias?”²⁷² Poderá alguém no pleno uso das suas faculdades acreditar ainda, especialmente depois do desempenho do Cardeal no *Porta a Porta*, que não há *nenhum* texto contendo as palavras da Santíssima Virgem a explicar a visão?

Uma objecção final

Devemos tratar de uma objecção final, uma objecção que abrange toda esta discussão: Se Bertone e os seus colaboradores estavam realmente empenhados num plano para esconder um texto do Terceiro Segredo com palavras terríveis e proféticas da Santíssima Virgem, teriam executado esse plano de forma tão desastrada e com tantos erros como estas páginas apresentaram? Não estaremos perante uma espécie de honestidade desajeitada em vez de manha conspirativa?

A resposta é que, pelo contrário, Bertone e os seus colaboradores não são desajeitados, mas homens altamente inteligentes com graus académicos superiores. Todavia, nesta controvérsia tiveram pela frente uma escolha de Hobson clássica: Ou não dizer nada e arriscar-se a que Socci e os “Fatimistas” persuadissem demasiados fiéis de que tinha havido um encobrimento, o que traria uma perda da credibilidade do aparelho de Estado do Vaticano. Ou então responder a Socci e aos “Fatimistas”, e dessa maneira arriscar-se ainda mais a ser evasivos, a fazer declarações públicas que demonstravelmente não estavam de acordo com factos conhecidos, a contradizer-se a si próprios e a fazer mais revelações indesejadas, sofrendo assim uma perda de credibilidade ainda maior. Bertone e companhia escolheram a segunda alternativa, e o resultado foi inevitável. Como dizem as Sagradas Escrituras: “Quem cava um poço acaba por cair nele...”²⁷³

Embaraçoso para além do Tibre

O desempenho do Cardeal tinha sido fluido, simpático e agradável à vista. No fim de contas, ele era um “ottimo telecronista” – um óptimo comentador televisivo – como De Carli lhe chamou durante o programa. Mas para uma pessoa capaz de pensar

²⁷² Socci, *Il Quarto Segreto di Fatima*, p. 73.

²⁷³ Eclesiastes 10:8.

criticamente, o desempenho foi, como Socci notou, “embaraçoso para além do Tibre”. Como quem diz, embaraçoso para todo o mundo. Porque Bertone não refutara nada, evitou todos os maiores problemas, e apesar disso revelou muito – em primeiro lugar, a revelação sensacional dos dois envelopes e do fólio do diário – que apenas confirmou o que Socci e os “Fatimistas” tinham suspeitado e já tinham provado independentemente.

Como Socci concluiu na sua resposta ao programa de que tinha sido excluído de forma tão suspeita, apesar da ausência de uma oposição autêntica à versão dos factos de Bertone, o Cardeal tinha apenas conseguido demonstrar que:

a dúvida que o Papa João XXIII tinha tido sobre a origem sobrenatural do Terceiro Segredo não se podia referir ao texto da visão revelada em 2000, que não contém nada “melindroso”. Mas apenas ao daquele “quarto segredo” que – como os Cardeais Ottaviani e Ciappi revelaram – falava de apostasia e da traição de algumas membros da alta hierarquia eclesiástica. Aquele “quarto segredo” de que João Paulo II disse em 1982 que “não tinha sido publicado porque podia ser mal interpretado.” Aquele “quarto segredo” de que o Cardeal Ratzinger disse em 1996 que, naquele momento, certos “pormenores” podiam ser prejudiciais à fé...²⁷⁴

E aquele “quarto segredo”, acrescentamos nós, que o Cardeal Ratzinger descreveu em 1984 como um aviso de “perigos que ameaçam a Fé e a vida do Cristão e, conseqüentemente, o mundo”, cujo “conteúdo ... corresponde ao que é *anunciado* nas Sagradas Escrituras e que tem sido *dito*, muitas e muitas vezes, em várias outras aparições marianas...”, mas que, “se não foi tornado público – pelo menos por agora – foi para impedir que a *profecia* religiosa viesse a descambar no *sensacionalismo*.” E, finalmente, aquele “quarto segredo” que levou o futuro Pio XII a declarar em 1931, em palavras muito semelhantes às de Ratzinger em 1984: “As mensagens da Santíssima Virgem à pequena Lúcia de Fátima preocupam-me. Esta persistência de Maria sobre os perigos que ameaçam a Igreja é um aviso do Céu contra o suicídio de alterar a Fé na sua liturgia, na sua teologia e na sua alma...”

Até aqui, todos os esforços de Bertone para responder a Socci só cavaram um poço mais fundo para ele e para os outros defensores da versão oficial. Como Socci dissera na sua auto-

²⁷⁴ “Bertone nel ‘vespaio’ delle polemiche” [“Bertone no ‘Vespeiro’ da Controvérsia”], loc. cit.

-defesa, Bertone tinha “oferecido a prova de que tenho razão” – que há realmente um texto do Segredo que falta. E esse texto, como Socci escreveu, continua “bem escondido.” Com o fracasso espectacular do encobrimento perante as câmaras de televisão, Bertone e os seus colaboradores encontraram-se numa posição desesperada. Não tardariam a lançar mais tentativas para salvar a versão oficial do estrago que eles próprios lhe inflingiram. Todavia, ao manterem a tática que desenvolveram ao longo desta controvérsia, só confirmaram ainda mais que alguma coisa estava a ser escondida.